

**RECUPERAÇÃO HISTÓRICA DOS 11 ANOS DA
COMPANHIA DE CIRCO E TEATRO ROSA DOS VENTOS
EM UMA EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA**

**DOUGLAS LOPES DE SOUZA
GUSTAVO ZANARDO SAWADA
NATHÁLIA R. OLIVEIRA DA SILVA
VALMIR EDERSON CUSTÓDIO**

**RECUPERAÇÃO HISTÓRICA DOS 11 ANOS DA
COMPANHIA DE CIRCO E TEATRO ROSA DOS VENTOS
EM UMA EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA**

**DOUGLAS LOPES DE SOUZA
GUSTAVO ZANARDO SAWADA
NATHÁLIA R. OLIVEIRA DA SILVA
VALMIR EDERSON CUSTÓDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Comunicação Social “Jornalista
Roberto Marinho”, como requisito
parcial para a conclusão.

Área de Comunicação: Jornalismo

Orientadora: Prof^a. Ms. Cássia Maria
Popolin

**DOUGLAS LOPES DE SOUZA
GUSTAVO ZANARDO SAWADA
NATHÁLIA REGINA OLIVEIRA DA SILVA
VALMIR EDERSON CUSTÓDIO**

Recuperação Histórica dos 11 anos da Companhia de Circo e Teatro Rosa dos Ventos em uma Exposição Fotográfica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, da Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para a sua conclusão.

Pres. Prudente, 13 de dezembro de 2010

BANCA EXAMINADORA

Profº Ms. Rogério do Amaral - Presidente

Profª. Carolina Costa Mancuzo - Membro

Profª Ms. Cássia Maria Popolin - Orientadora

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho a Deus, nossas famílias, amigos e professores.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às nossas famílias, que no deram forças em todos os momentos vividos nos quatro anos de curso e força para conseguirmos chegar até aqui.

Aos professores que muito nos ensinaram e nos ajudaram com os trabalhos e sempre com paciência e boa vontade esclareceram todas as questões.

À nossa orientadora Cássia Popolin que em pouco tempo conseguiu fazer com que nos organizássemos e realizássemos nosso Trabalho de Conclusão de Curso com muito esforço, mas alcançando todos os objetivos traçados.

À professora Thaísa Bacco, que nos acompanhou desde o começo orientando para a realização do trabalho.

À Companhia Teatral e Circense Rosa dos Ventos que aceitou ser personagem desta recuperação histórica cedendo todo tempo necessário para o desenvolvimento deste trabalho.

E a todos que no ajudaram direta e indiretamente para a realização deste feito.

“O riso é um tônico, um alívio, uma pausa que permite atenuar a dor.”

Charles Chaplin

RESUMO

Recuperação Histórica dos 11 anos da Companhia de Circo e Teatro Rosa dos Ventos em uma Exposição Fotográfica

O presente estudo, intitulado Recuperação Histórica dos 11 Anos do Grupo de Circo e Teatro de Rua Rosa dos Ventos em uma Exposição Fotográfica, tem por objetivo reunir a história e demonstrar a importância, tanto na área cultural quanto na social, deste importante e um dos principais grupos de Teatro de Rua de Presidente Prudente. Para relatar estas experiências foi produzida uma exposição fotográfica que abordou relatos e imagens da trajetória dos 11 anos de formação. O trabalho foi desenvolvido utilizando como metodologia a pesquisa qualitativa, onde houve a busca por bibliografias e documentos do arquivo pessoal da Companhia, entrevistas, fotografias e gravações para que fossem compostos os cortes teóricos. É entregue como peça prática a exposição fotográfica, que se torna peça de promissora relevância social por conter e reunir partes da história e imagens em um único documento, além de proporcionar um documento de pesquisa e desenvolvimento prático de atividades nas áreas do fotojornalismo, cultural e atividades sociais.

Palavras-Chaves: Grupo Rosas dos Ventos, Fotografia, Fotojornalismo, Circo, Arte de Rua, Exposição Fotográfica.

ABSTRACT

Recovery of the Historical of 11 years of company Circus and Theatre Rosa dos Ventos in a Photographic Exhibition

This study, entitled 11 Years of Historical Recovery company Circus and Theatre Rosa dos Ventos a Photographic Exhibition, aims to bring together the history and demonstrate the importance, both in the cultural field and in society, this important and one of main groups of street theater in Presidente Prudente. To report these experiments was produced a photographic exhibition that dealt with reports and pictures from the trajectory of 11 years of formation of the Group Theatre. The study was conducted both qualitative research methodology as an exploratory, where there was a search for bibliographies and documents of the Company's personnel file, interviews, photographs and recordings to be made cuts theorists. It is delivered as part the photo exhibition practice that becomes part of social relevance to contain promising and assemble parts of the story and images in a single document, and provide a document of practical research and development activities in the areas of Photojournalism and Cultural activities and social.

Key Words: Group Rosas dos Ventos, Photography, Photojournalism, Circus, Street Art, Photography Exhibition.

LISTA DE SIGLAS

FACOPP	-	Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho" de Presidente Prudente
FENTEPP	-	Festival de Teatro de Presidente Prudente
HD	-	<i>Hard Disk</i>
PROEX	-	Projeto de Extensão
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso
UEL	-	Universidade Estadual de Londrina
UFMT	-	Universidade Federal de Mato Grosso
UNESP	-	Universidade Estadual Paulista
UNOESTE	-	Universidade do Oeste Paulista
WWW	-	<i>World Wide Web</i>

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Plano Panorâmico-----	34
FIGURA 2	Grande Plano-----	35
FIGURA 3	Plano Geral-----	36
FIGURA 4	Plano americano-----	37
FIGURA 5	Primeiro Plano-----	38
FIGURA 6	Plano de detalhe-----	39
FIGURA 7	Planos de foco-----	40
FIGURA 8	Regra dos terços-----	41
FIGURA 9	Perspectiva-----	42
FIGURA 10	Foco Seletivo-----	43
FIGURA 11	Plongé-----	44
FIGURA 12	Contra Plongé-----	45
FIGURA 13	Movimento-----	46
FIGURA 14	Equilíbrio-----	47
FIGURA 15	Cruzeiro do Sul-----	59
FIGURA 16	Oeste Notícias-----	60
FIGURA 17	O Imparcial-----	60
FIGURA 18	O Imparcial-----	61
FIGURA 19	O Imparcial-----	62
FIGURA 20	Polli-----	63
FIGURA 21	Jornal de Assis-----	64
FIGURA 22	Oeste Notícias-----	65
FIGURA 23	O Imparcial-----	66
FIGURA 24	Oeste Notícias-----	68
FIGURA 25	Mostra de Teatro-----	69
FIGURA 26	Diário de Assis-----	69
FIGURA 27	Ofício Secretária de Estado da Cultura-----	70
FIGURA 28	O Imparcial-----	71
FIGURA 29	O Repórter Regional-----	71
FIGURA 30	O Imparcial-----	72
FIGURA 31	Festival de Inverno de Atibaia-----	73
FIGURA 32	O Momento-----	73
FIGURA 33	Aspen Park-----	74
FIGURA 34	Folha do Estado-----	74
FIGURA 35	A Gazeta-----	75
FIGURA 36	Diário da Região-----	76
FIGURA 37	O Imparcial-----	76
FIGURA 38	Oeste Notícias-----	77
FIGURA 39	A Cidade-----	78
FIGURA 40	Oeste Notícias-----	78
FIGURA 41	Diário do Norte do Pará-----	79
FIGURA 42	Folha de Londrina-----	80
FIGURA 43	O Imparcial-----	81
FIGURA 44	Bom Dia-----	81
FIGURA 45	Diário-----	82
FIGURA 46	Jornal de Piracicaba-----	82
FIGURA 47	Oeste Notícias-----	83

FIGURA 48	Exposição Fotográfica-----	88
FIGURA 49	Grande Plano-----	89
FIGURA 50	Plano Geral-----	90
FIGURA 51	A Primeira peça da Companhia...-----	91
FIGURA 52	Em meio a Plateia...-----	92
FIGURA 53	De cara limpa...-----	93
FIGURA 54	Rosa dos Ventos entre-----	94
FIGURA 55	O semáforo...-----	95
FIGURA 56	Vivemos entre...-----	96
FIGURA 57	Projeto Prudente...-----	97
FIGURA 58	Tiago Munhoz...-----	98
FIGURA 59	Segundo Fernando...-----	99
FIGURA 60	Pode até parecer...-----	100
FIGURA 61	Preparação para...-----	101
FIGURA 62	A Companhia Rosa...-----	102
FIGURA 63	Felipe Madureira...-----	103
FIGURA 64	Projeto Aquarela...-----	104
FIGURA 65	A Companhia Rosa...-----	105
FIGURA 66	A alegria de fazer...-----	106
FIGURA 67	A Companhia Rosa...-----	107
FIGURA 68	Segundo Tiago Munhoz...-----	108
FIGURA 69	O sorriso é...-----	109
FIGURA 70	Projeto Aquarela...-----	110
FIGURA 71	Com olhar crítico...-----	111
FIGURA 72	Cada detalhe...-----	112
FIGURA 73	Fernando Avila...-----	113
FIGURA 74	As muitas viagens...-----	114
FIGURA 75	Gabriel Mungo...-----	115
FIGURA 76	A maquiagem é...-----	116
FIGURA 77	A Companhia...-----	117
FIGURA 78	Seguir...-----	118
FIGURA 79	O motivo...-----	119
FIGURA 80	Exaustão...-----	120
FIGURA 81	Preservar a cultura...-----	121
FIGURA 82	Confiança é...-----	122
FIGURA 83	Estão felizes...-----	123
FIGURA 84	Estréia...-----	124
FIGURA 85	Todo manifesto...-----	125
FIGURA 86	O grupo rumo...-----	126
FIGURA 87	Gabriel Mungo...-----	127
FIGURA 88	Em cortejo...-----	128
FIGURA 89	O palhaço...-----	129
FIGURA 90	Para o Grupo...-----	130
FIGURA 91	Segundo Fernando Ávila...-----	131
FIGURA 92	Em espetáculo...-----	132
FIGURA 93	Felipe Madureira...-----	133
FIGURA 94	Cena do último...-----	134
FIGURA 95	Explosão de...-----	135
FIGURA 96	Técnicas de...-----	136
FIGURA 97	A relação...-----	137

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA	15
2.1 Formulação do problema	15
2.2 Objetivos	16
2.2.1 Objetivo geral	16
2.2.2 Objetivos específicos	16
2.3 Justificativa	17
2.4 Metodologia	18
3 FOTOGRAFIA	20
3.1 Fotojornalismo	26
3.2 A Linguagem Fotográfica	31
3.2.1 Plano de Tomada	33
3.2.1.1 Plano panorâmico	34
3.2.1.2 Grande plano geral	34
3.2.1.3 Plano geral	35
3.2.1.4 Plano americano	36
3.2.1.5 Primeiro plano	37
3.2.1.6 Plano de detalhe	38
3.2.2 Diafragma	39
3.2.3 Planos de foco	39
3.2.4 Composição	40
3.2.4.1 A regra dos terços	40
3.2.4.2 Perspectiva	41
3.2.5 Profundidade de campo	42
3.2.5.1 Foco seletivo	43
3.2.6 Ângulo	44
3.2.6.1 Plongé (mergulho)	44
3.2.6.2 Contre-Plongé (conta-mergulho)	45
3.2.7 Movimento	45
3.2.7 Equilíbrio	46
4 ARTE DE RUA	49
4.1 Teatro de Rua	50
4.2 Circo	51
5 ROSA DOS VENTOS	54
5.1 A Trajetória da Companhia	54
5.2 Análise Documental	59
6 EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA	84
6.1 Edição	85
7 MEMORIAL DESCRITIVO	138

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
REFERÊNCIAS.....	145
ANEXOS.....	148
APÊNDICE.....	166

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2010, a Companhia de Teatro de Rua e Arte Circense Rosa dos Ventos completou 11 anos de existência. Criado a partir de um projeto de extensão da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) de Presidente Prudente, pelos estudantes Fernando Ávila e Tiago Munhoz, ganharam notoriedade na cidade de Presidente Prudente e região. Partes desta trajetória foram registradas através de fotos, cartas, textos e outros documentos que representam a história da Companhia e estão preservadas no arquivo pessoal do grupo.

O Rosa dos Ventos se destaca em Presidente Prudente por ser a única companhia que mistura teatro de rua com a técnica circense na cidade. Contribui com trabalhos sociais como o Projeto Aquarela e Prudente em Cena, e participa de apresentações em vários estados brasileiros e países como Argentina e Chile, proporcionando cultura e entretenimento para a população e ensinando crianças e adolescentes técnicas circenses e de teatro.

Este Trabalho de Conclusão de Curso analisou o acervo pessoal do Rosa dos Ventos, produziu fotos em apresentações e estúdios, entrevistou pessoas que participaram e conviveram com o grupo e organizou, em uma exposição fotográfica, a trajetória da trupe que foi exposta, no Prudente Parque Shopping, em Presidente Prudente entre os dias 18 e 24 de outubro de 2010. A justificativa do trabalho é resgatar através do Fotojornalismo a importância da única companhia teatral e circense da região, que transmite cultura para a sociedade através das técnicas artísticas.

O capítulo dois aborda os métodos de pesquisa para o desenvolvimento do trabalho, como etapas de recuperar o histórico pessoal do grupo, através de documentos oficiais como tese, livros relacionados, entrevista com os integrantes e personalidades marcantes da trajetória do Rosa dos Ventos.

No terceiro capítulo é apresentado o panorama histórico do Fotojornalismo, as técnicas utilizadas na linguagem fotográfica e como se deu o seu surgimento.

O quarto capítulo relata a história do circo e do teatro no Brasil, no qual se destaca a Companhia Rosa dos Ventos que mistura a arte do circo com o teatro de rua.

Dando continuidade, no quinto capítulo é abordada a análise documental do grupo Rosa dos Ventos e sua trajetória, mostra a importância da cultura como forma de educação e destaca os trabalhos sociais desenvolvidos pelo grupo artístico.

Após todo esse processo de construção dos demais capítulos foi possível produzir a peça prática, uma exposição fotográfica com base nas técnicas do Fotojornalismo exposta no sexto capítulo.

Para recuperar os 11 anos da Companhia Teatral e Circense Rosa dos Ventos foram analisadas aproximadamente três mil fotografias onde, parte delas, foram produzidas pelos pesquisadores deste trabalho e as demais retiradas do arquivo pessoal do grupo. Como término deste processo foram escolhidas 50 imagens, todas editadas com base na linguagem fotográfica, para que compusessem um resumo fotográfico da história da mencionada companhia.

2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

2.1 Formulação do Problema

A Companhia de Arte Circense e Teatro de Rua Rosa dos Ventos foi formada há 11 anos pelos integrantes, Fernando Ávila e Tiago Munhoz que vieram respectivamente das cidades paulistas de Barretos e Americana para Presidente Prudente, com o objetivo de estudarem na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp).

O grupo Rosa dos Ventos surgiu de um projeto pedagógico de visita a escolas. Desde então, o Rosa dos Ventos atua na região de Presidente Prudente e em algumas outras cidades do estado de São Paulo e do Brasil com espetáculos de arte circense e teatro de rua.

Já percorreu, com espetáculos patrocinados pelas iniciativas, pública e privada, em cidades como João Pessoa, na Paraíba e até em Buenos Aires, na Argentina.

Atualmente, o Rosa dos Ventos é mantido pelos governos Estadual e Municipal e por cachês de apresentações particulares. É formado pelos integrantes: Tiago Munhoz, Fernando Ávila, Gabriel Mungo, Felipe Madureira e Robson Tomás.

A companhia realiza os espetáculos preferencialmente em lugares onde as pessoas têm acesso limitado à cultura, assim, possibilitando a inclusão social. Eles afirmam que através da arte circense ligada a ações culturais auxiliam na construção de uma nova forma de viver para a humanidade.

Nos últimos seis anos, o Rosa dos Ventos ensina técnicas de arte circense, uma vez por semana, para aproximadamente 50 crianças e adolescentes de Presidente Prudente e região pelo projeto Aquarela, que é mantido pela Prefeitura da cidade através da Secretaria de Assistência Social.

O Rosa dos Ventos também participa do projeto Prudente em Cena, que é patrocinado pela Secretaria Estadual de Cultura, que disponibiliza R\$ 60 mil (sessenta mil reais) por ano para a compra de equipamentos e cobertura de gastos como transporte e figurino. O projeto consiste em percorrer ruas de bairros da

periferia de Presidente Prudente junto a outros grupos de teatro de rua e arte circense. Com um carro de som, chamam a população para apresentações de espetáculos. As pessoas vão seguindo os artistas até um espaço ao ar livre onde os grupos teatrais apresentam peças e o Rosa dos Ventos demonstra a sua arte circense.

A história do Rosa dos Ventos é encontrada de forma fragmentada por meio de relatos pessoais, impressos em periódicos, fotografias e folhetos. Este trabalho parte do seguinte questionamento: Qual a importância da companhia para a cidade de Presidente Prudente e região?

2.2 Objetivos

2.2.1 Objetivo geral

Recuperar a história do grupo de arte circense e teatro de Rua Rosa dos Ventos de Presidente Prudente por meio de uma Exposição Fotográfica.

2.2.2 Objetivos específicos

Organizar e analisar o material do arquivo pessoal da companhia publicado pela imprensa prudentina e das cidades por onde o grupo passou;

Aprofundar os conhecimentos sobre: fotografia, fotojornalismo e exposição fotográfica;

Conhecer as técnicas teatrais e circenses para entender melhor os trabalhos do grupo Rosa dos Ventos.

2.3 Justificativa

Segundo Magaldi (1998, p. 74), “o teatro surgiu na Idade Média quando a Igreja Católica se comunicava por meio de símbolos e representações teatrais.” Hoje, o teatro de rua ganhou aspecto de disseminador de cultura e existem companhias que unem essa técnica aos projetos sociais com o objetivo de inclusão social.

Os pesquisadores deste Trabalho de Conclusão de Curso vêm na ação do Rosa dos Ventos que, a iniciativa em transmitir cultura pelas técnicas artísticas é importante para a formação cultural da população. Pelo projeto Aquarela, já existe um grupo de alunos que segue os mesmos passos da companhia e se apresentam em escolas públicas. Isso comprova que a ação social desenvolvida pelo Rosa dos Ventos influencia positivamente. O reflexo nas crianças e jovens participantes do projeto é resultado do trabalho realizado pelo grupo. As crianças sentem-se estimuladas a também produzir e divulgar a cultura.

Este TCC entende que a manifestação cultural pode contribuir na construção de uma sociedade mais igualitária. Toda forma de lazer se destaca pela contribuição de uma melhor qualidade de vida. Assim, estas ações podem amenizar a provável situação de carência delas decorrentes.

A justificativa do trabalho em relação à importância acadêmica é resgatar, por meio do fotojornalismo, a história do único grupo teatral e circense de Presidente Prudente que se preocupa, não somente com a imagem e construção do artista de circo, mas também, com ações que proporcionam à população o bem-estar e uma boa qualidade de vida.

Os pesquisadores entendem que a organização de um documento único que conte a história e trajetória do grupo é importante para a manutenção da memória do Rosa dos Ventos e serve de material de divulgação dos trabalhos realizados por eles. No fator social, é importante tornar público o trabalho desta companhia que promove cultura, integração e inclusão social.

2.4 Metodologia

Segundo Gil (1991, p. 26), a investigação científica depende de um “conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos” para que seus objetivos sejam atingidos: os métodos científicos.

Método científico é o conjunto de processos ou operações mentais que se devem empregar na investigação. É a linha de raciocínio adotada no processo de pesquisa. Os métodos que fornecem as bases lógicas à investigação são: dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico. (MARCONI, 2001)

No caso do atual trabalho, o principal método desenvolvido foi o Estudo de Caso que consiste no levantamento de dados sociais preservando o caráter unitário do objeto de estudo. (MATSWCHI, 2009)

Segundo Yin (2001), o Estudo de Caso deve ter preferência quando se pretende examinar eventos contemporâneos, em situações onde não se podem manipular comportamentos relevantes. “O poder diferenciador do estudo de caso está na capacidade de lidar com a ampla variedade de evidências, documentos, artefatos, entrevistas e observações”. (YIN, 2001, p. 27 apud MATSWCHI, 2009, p. 219)

Os pesquisadores tiveram conhecimento que o grupo Rosa dos Ventos possui um arquivo de textos, fotos e *folders* que pontuam fatos importantes da história da companhia. Por isso, foi utilizada como método de pesquisa a análise documental, que segundo Moreira (2009) consiste na compreensão, identificação, verificação e apreciação de documentos para um determinado fim.

E as fontes primárias que no caso do objeto de estudo foram os periódicos do acervo pessoal do grupo Rosa dos Ventos, e ainda fotos, textos e relato de pessoas que acompanharam parcialmente ou integralmente a trajetória dos 11 anos da trupe. Além de alunos, crianças e adolescentes que participam do projeto “Aquarela”, desenvolvido na cidade da criança de Presidente Prudente que promove aulas de artesanato, música, prática de esporte e arte circense.

Segundo Gobbi (2009), as fontes primárias são correspondências, *clipping*, livros de memória, testemunhos orais, questionários, fotos e diários autobiográficos.

Na busca dos relatos dos componentes do grupo de teatro e das pessoas que convivem com a companhia Rosa dos Ventos, utilizou-se a entrevista semi-aberta que segundo conceito dos autores Duarte (2009, p. 64-65), é:

[...] essencialmente exploratória e flexível, não havendo sequência predeterminada de questões e parâmetros de respostas. Tem como ponto de partida um tema ou uma questão ampla e flui livremente, sendo aprofundada em determinado rumo de acordo com aspectos significativos identificados pelo entrevistador enquanto o entrevistado define a resposta segundo seus próprios termos. (DUARTE, 2009, p. 64-65)

Para alguns teóricos, um dos aspectos mais polêmicos das fontes orais diz respeito a sua credibilidade.

Para alguns historiadores tradicionais os depoimentos orais são tidos como fontes subjetivas por nutrirem-se da memória individual, que às vezes pode ser falível e fantasiosa. No entanto, a subjetividade é um dado real em todas as fontes históricas, sejam elas orais, escritas, ou visuais. O que interessa em história oral é saber por que o entrevistado foi seletivo, ou omissivo, pois essa seletividade com certeza tem seu significado. Além disso, este século é marcado pelo avanço sem precedente nas tecnologias da comunicação, o que abalou a hegemonia do documento escrito. (FREITAS, 2002, p. 69)

A observação não-participante das ações do Rosa dos Ventos de forma que não interferisse drasticamente na realidade do objeto pesquisado, serviu para a construção de registros em textos e fotografias das atividades atuais do mesmo, conforme explica Travancas (2009).

Após todos os dados coletados foram selecionadas 50 fotografias para a exposição fotojornalística, seguindo os passos e conceitos da linguagem fotográfica sugerido pelo autor Paulo Boni. As fotografias foram impressas em formato fototela em tamanho 30x40 sendo assim tornando as imagens um documento único que relata a trajetória dos 11 anos do Rosa dos Ventos.

3 FOTOGRAFIA

Antes de relatar a história da fotografia é necessário primeiramente expor algumas definições sobre o seu significado. Segundo Camargo (1999) ela é a união de três fatores.

A fotografia acaba sendo a resultante do encontro entre o ótico, o químico e o mecânico. A ótica das lentes e objetivas, a química dos filmes e papéis fotográficos e os recursos dos mecanismos que possibilitam os ajustes de dosagem de luz e tempo de exposição do material fotográfico. (CAMARGO, 1999, p. 75)

Para Kossoy (2007), o senso comum, quando alguém se refere a uma fotografia, na realidade refere-se à sua expressão: à imagem, ao assunto nela representado.

A fotografia, porém, não é apenas um documento por aquilo que mostra da cena passada, irreversível e congelada na imagem; faz saber também de seu autor, o fotógrafo, e da tecnologia que lhe proporcionou uma configuração característica e viabilizou seu conteúdo. (KOSSOY, 2007, p. 75)

A história da fotografia é uma sequência de descobertas químicas e mecânicas que possibilitaram a captação, fixação, ampliação e reprodução de imagens.

Obviamente o surgimento da fotografia não é resultado do trabalho de uma só pessoa, mas sim, do trabalho coletivo realizado ao longo dos séculos. Foram muitos os colaboradores como inventores e cientistas que, ao seu tempo e em suas áreas específicas de conhecimento, contribuíram para o surgimento de uma das mais brilhantes invenções que é a criação de imagens químicas através da luz. (CAMARGO, 1999, p. 59)

As principais fases serão expostas a seguir. Muitos autores relatam que a fotografia surgiu definitivamente no início do século XIX, porém, já no século XVI, a escritora Maria Eliza Linhares Borges (2008), ao traçar uma linha cronológica cita que, antes de 1802, algumas invenções foram precursoras da fotografia. Em meados de 1500, pintores e gravadores usavam a câmera escura inventada por Leonardo da Vinci.

A Câmara Escura é um compartimento fechado isolado da luz. Em uma de suas paredes há um orifício. A luz, ao passar por este orifício, projeta na parede oposta imagens invertidas do exterior. Estas câmeras podiam ser fixas e construídas nos estúdios de desenhistas, artistas ou portáteis e levadas por toda parte. (CAMARGO, 1999, p. 56)

Em 1609, Galileu Galilei utilizou a Luneta; 1618 o microscópio foi inventado; em 1671 o jesuíta Athanase Kneher faz a primeira descrição da lanterna mágica; 1790 populariza-se, na França, o uso do Fisionotrazo, retrato em madeira e em marfim. (BORGES, 2008)

Essa técnica não tem nada a ver com a da fotografia, muito embora os fisionotratistas sejam considerados os precursores ideológicos do fotógrafo retratista. Em 1798, ocorre a primeira projeção de fantasmagories, mediante a utilização do fantascópio (uma lanterna aperfeiçoada). (BORGES, 2008, p. 115)

Em 1802, começo do século XIX, experiências mais concretas e novas invenções começaram a fortalecer a captura de imagens e reproduções disseminando a fotografia. (ANDRADE, 2004)

[...] começaríamos lembrando as experiências do inglês Thomas Wedgwood, assistido por Humphry Davy que reproduziu em 1802, cópias-contrato de folha e outros objetos sobre o papel sensibilizado com nitrato de prata, sem, no entanto, descobrir uma fórmula para fixar tais imagens. Mais à frente, lembraríamos do francês Joseph-Nicéphore Niépce, conhecedor da Litografia e inventor de um processo de produção denominado Heliografia que possibilitava a multiplicação de imagens, por meio de um sistema muito similar a outros processos de gravura então conhecido e autor da primeira imagem capturada com a utilização de uma câmera obscura, equipada com uma objetiva. (ANDRADE, 2004, p. 2)

De acordo com Andrade (2004, p. 4), “a litografia baseia-se na repulsão que a água tem pela gordura e vice-versa. Numa pedra calcária, o desenho é feito por lápis gorduroso ou tinta aplicada a pincel ou caneta”.

Segundo Camargo (1999), em 1826, os irmãos Nicephore e Claude Niépce conseguem gravar em uma chapa de metal, preparada com betume da Judéia, a primeira imagem através da luz e dão-lhe o nome de Heliografia (escrita com a luz solar).

O grande mérito dos irmãos Joseph Nicephore e Claude Niepce foi o de tentar realizar fotografias por meios químicos. Embora, em 1802, Thomas Wedgwood tivesse a mesma ideia, não havia como controlar o tempo de exposição das fotos. Nicephore Niépce continua na busca de imagens fotográficas e realiza experimentos com vários suportes, entre eles o papel,

mas o que melhor atendia as características químicas daquele momento era o metal. (CAMARGO, 1999, p. 57)

Para a revelação da imagem era utilizado um produto a base de essência de óleo de lavanda que dissolvia o betume conforme era atingindo a luz, formando assim a imagem. (ANDRADE, 2004)

Os irmãos Niépce se associam a Louis Jacques Mandé Daguerre (1787-1851) e desenvolvem o invento. Após a morte de Joseph Nicephore Niépce (1833), batiza-o de Daguerreótipo. (CAMARGO, 1999)

Um fato interessante foi a patenteação da palavra “photographie”. Ela surgiu no Brasil em 1833 pelo francês Hércules Florence radicado onde atualmente é a cidade de Campinas. (CAMARGO, 1999)

[...] vale lembrar a descoberta isolada da fotografia havida em nosso país, em 1833, seis anos antes, portanto, de a primeira patente de um processo fotográfico se requerida na Europa. Hércules Florence, cidadão francês radicado na vila de São Carlos (hoje Campinas), São Paulo, não apenas desenvolveu e testou com razoável sucesso um processo fotográfico rudimentar, como também cunhou a própria palavra que a denomina photographie. (ANDRADE, 2004, p. 2)

Em 19 de agosto de 1839, numa sessão conjunta das academias de ciências e de belas artes, em Paris, ocorreu o anúncio da invenção do daguerreótipo. A patente do invento foi adquirida pelo governo francês e doada a humanidade, tendo-se disseminado rapidamente pelo mundo. (ANDRADE, 2004)

Consiste em uma chapa de cobre folheada de prata e sensibilizada a partir de sua combinação com iodo, sobre a qual se forma a imagem fotográfica latente, que, depois de revelado com vapores de mercúrio, torna-se um amálgama de mercúrio de prata visível. Por se tratar de um artefato extremamente frágil, as chapas eram sempre vedadas num estojo, sendo a imagem recoberta por uma placa de vidro. Embora as imagens assim obtidas possuam alta qualidade, sua visualização é dificultada devido à superfície espelhada. Ademais, a imagem possui a lateralidade invertida e é única, ou seja, não pode ser multiplicada devido à inexistência do negativo. (ANDRADE, 2004, p. 3)

Quatro anos antes da patente, outro importante processo já vinha sendo desenvolvido pelo inglês William Henry Fox Talbot (1800-1877), que era o negativo em papel, onde ele se apressou em patentear-lo após tomar conhecimento do anúncio do Daguerreótipo. (ANDRADE, 2004)

Trata-se do calótipo *ou* talbótipo, um negativo de papel, que após o processamento (revelação) era encerado para tornar-se mais transparente, sendo em seguida prensado contra outro papel sensibilizado, sob uma placa de vidro e exposto à luz do sol, possibilitando assim a obtenção de uma cópia fotográfica (positiva) em papel salinizado. Viabilizou-se assim a reprodutividade na fotografia, tal como a conhecemos e praticamos até nossos dias: o original, ou matriz, é o negativo, a partir do qual podemos gerar um número infinito de cópias positivas, todas de igual qualidade e valor. A fotografia se tornou assim um múltiplo. (ANDRADE, 2004, p. 3).

Em 1848, o fotógrafo inglês Frederick Scott Archer (1813 -1857) cria o colódio úmido, processo que mescla partes iguais de álcool em uma solução de nitrato de celulose. O uso do colódio úmido em negativos sobre vidro e provas de albumina iria predominar entre 1855-1880. (BORGES, 2008)

Para copiar o negativo de vidro, o francês Louis-Desiré Blanquart-Evrard desenvolveu, em 1850, um novo papel fotográfico albuminado. A Albumina, proteína extraída da clara de ovo era colocada numa bacia, e a folha de papel, de baixa gramatura, era delicadamente depositada na superfície daquele líquido, “flutuando” por brevíssimo tempo e tornando-se assim albuminada. (ANDRADE, 2004)

Em 1854, o fotógrafo francês André A. Eugène Disdéri (1819-1889) instala-se em Paris, onde abre um dos mais importantes estúdios fotográficos. Cria uma modalidade fotográfica feita a partir de um aparelho com quatro ou seis objetivas que permitia fazer de seis a oito clichês em uma mesma placa fotográfica. (BORGES, 2008)

É ainda nesta época que surgem os primeiros filmes fotográficos flexíveis, com base no nitrato de celulose. Acontece então a maior revolução da fotografia no século XIX, com início da popularização do processo. Surgiram também, os denominados processos de reprodução fotomecânica, que possibilitavam a impressão, com tinta, de imagens fotográficas a partir de uma matriz produzida fotograficamente, com o negativo original. (ANDRADE, 2004)

Em 1861, Alexandre Parkes, inventa o celulóide e Jonh Carbutt, fotógrafo inglês, o convence a fabricar folhas finas de celulóide para utilizá-las na preparação de negativos com gelatina seca. (CAMARGO, 1999)

Em 1888, de acordo com Borges (2008), George Eastman (1854–1934) comercializa seu mais novo invento: a Kodak, primeiro aparelho fotográfico portátil contendo um rolo de filme que permitia captar até 100 imagens de forma instantânea.

Em 1892, a G. Estamam, nome referente a George Eastman, cria a Eastman Kodak Company, que se dedica a fabricação de aparelhos fotográficos de fácil manuseio pelo público amador e começam a comercializar as criações a partir de 1900. (BORGES, 2008)

Em 1925, Oskar Barnak cria a Leica, câmera fotográfica de tamanho reduzido que utilizava filme de rolo que permitia gravar até 36 imagens. (BORGES, 2008)

Os estudos sobre sensores eletrônicos tiveram início por volta de 1930 e partir de 1969 eles eram utilizados em câmeras de televisão. Atualmente, os sensores das câmeras digitais são o CCD (*Charge-coupled device*), onde impulsos eletroeletrônicos transformam a imagem captada em pixels, do inglês *Picture elements* onde para cada pixel é atribuído um número que é identificado e caracterizado por cor. Atualmente o CCD é mais utilizado por ter maior qualidade na formação da imagem. (TRIGO, 2003)

Desde então a tecnologia avançou, e, em agosto de 1981, a Sony apresentou ao mercado mundial a Mavica (Magnetic Vídeo Câmera). [...] Na realidade a Mavica desse período era um sistema analógico, a imagem, ainda analógica, era “guardada” em um disco magnético chamado Mavipack, e depois era digitalizada em um sistema conversor analógico-digital (A/D). O CCD da Mavica original tinha apenas 280000 pixels, e as imagens eram precárias. (TRIGO, 2003, p. 167-168)

Em 1991 a Kodak disponibilizou no mercado a primeira câmera digital, a DCS 100, que consistia em um sistema que operava no corpo da máquina fotográfica Nikon F3 com um CCD de 1,5 milhão de pixels. (TRIGO, 2003)

Paralelo a todo o processo da evolução das máquinas e captação fotográfica, as reproduções das imagens também foram avançando com o tempo.

Por volta de 1840 surgiu a xilografia na Europa que consiste em um processo de gravura em relevo – o sistema mais antigo de todos – que muito se assemelha ao carimbo, no tocante à maneira como opera a transferência da imagem, da matriz para o papel. A imagem é deixada como relevo, sendo “poupada” pelos instrumentos, as talhar-se a matriz, originalmente de madeira. (ANDRADE, 2004)

Segundo Andrade (2004), outra técnica precedente foi a fototipia que é um processo de impressão fotomecânica desenvolvido por volta de 1850, onde consistia no uso de gelatina para absorver tinta de impressão onde os graus de

endurecimento, conforme expostas a luz do sol, deixavam a imagem gravada em uma chapa de vidro ou cobre formando o negativo.

Outra importante contribuição para o progresso das artes da reprodução fotomecânica foi dada pelo inglês Walter Bentley Woodbury, natural da cidade de Manchester (1834-1885), que patenteou seu invento em 1864 com o nome de Woodburytipo que consistia em uma chapa de vidro recoberta com talco que recebia uma camada química de colódio ou nitrato de celulose que, depois de lavada em água corrente, deixava camadas em relevo que recebiam tinta e eram prensadas em papel. (ANDRADE, 2004)

Outra importante contribuição foi a “Autotipia”, de autoria do alemão Georg Meisenbach, que a patenteou em 1882. Nele, a imagem fotográfica original, de tons contínuos, é reproduzida através de uma malha (ou retícula) de vidro, sendo fragmentada em pequenos pontos, distribuída de maneira regular e cujo tamanho, varia em função da tonalidade específica de cada área da imagem. Por esse processo, grava-se uma chapa denominada clichê, na qual, os pontos em alto relevo correspondem a áreas escuras da imagem. Assim, os clichês podem ser montados juntamente com os blocos de textos e impressos simultaneamente, e pelo processo tipográfico – que era adotada na indústria gráfica. (ANDRADE, 2004)

Embora já existissem tipografias em Portugal antes mesmo da chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral às terras brasileiras, em 1500, a introdução da imprensa por aqui foi sistematicamente reprimida pela Corte portuguesa até o início do século XIX. (ANDRADE, 2004)

Dentre as diversas tentativas, a mais célebre e citada por todos os estudiosos é a do tipógrafo português Antonio Isidoro da Fonseca, natural de Lisboa, que montou uma tipografia no Rio de Janeiro em 1746, chegando a produzir alguns impressos [...]. (ANDRADE, 2004, p. 27)

Com o passar do tempo, foram surgindo outras tipografias, na Bahia (1811), no Recife (1815), no Maranhão (1821), em Belém do Pará (1821) e no Rio de Janeiro (1821), todas dedicadas primordialmente aos impressos políticos e ao jornalismo e todas submetidas à censura prévia do governo central. Seguindo as determinações do governo português, os governantes locais simularam abolir a censura prévia mediante o decreto de 2 de março de 1821. Assim, a censura deixou de incidir sobre os manuscritos, recaindo agora sobre as provas tipografias e

mantendo as penas de multa e prisão. A Gazeta do Rio de Janeiro foi o primeiro periódico impresso no Brasil. (ANDRADE, 2004)

[...] mas, na verdade, a imprensa periódica brasileira já se iniciara três meses antes da chegada da Gazeta: em junho de 1808, o brasileiro Hipólito José da Costa lançara o “Correio Brasiliense”, em Londres. Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, que é considerado o verdadeiro fundador e patrono da imprensa brasileira havia sido nomeado, em 1801, diretor literário na Junta da Imprensa Régia, em Lisboa. (ANDRADE, 2004, p. 30).

Como escreveu Andrade (2004), no Brasil, só a partir da campanha da Independência é que os jornais proliferaram e se alcança a liberdade de imprensa, iniciando-se o verdadeiro processo de desenvolvimento da imprensa periódica local, onde são criados inúmeros jornais, por todo o país.

3.1 Fotojornalismo

Segundo Sousa (2000) a história do fotojornalismo é uma história de tensões e rupturas, uma história do aparecimento, superação e rompimento de rotinas e convenções profissionais, uma história de oposições entre a busca da objetividade e a assunção da subjetividade e do ponto de vista, entre o realismo e outras formas de expressão, entre o matizado e os contrastes, entre o valor noticioso e a estética; o cultivo da pose e o privilégio concedido ao espontâneo e a ação; a foto única e as várias fotos; a estética e o horror e outras formas de abordar temas potencialmente chocantes entre variados outros fatores.

Ainda de acordo com Sousa (2000), os primeiros fotógrafos foram pintores e os editores resistiram durante bastante tempo a usar fotografias com texto, não só porque desvalorizavam a seriedade da informação fotográfica, mas também, porque as fotografias não se enquadrariam nas convenções e na cultura jornalística dominante na época.

Inicia-se então, próximo a virada do século XIX, uma nova revolução no processo de comunicação empregado pelos órgãos de imprensa ilustrada da Europa e dos Estados Unidos, afetando mais uma vez a própria feição do jornalismo gráfico. As fotografias, antes copiadas por um artista da redação, passam agora a ser diretamente reproduzidas em suas páginas, em maior quantidade, através de processos fotomecânicos, dando margem a novas

possibilidades de transmissão da informação e de sua interpretação. (ANDRADE, 2004, p. 31-32)

De acordo com Kossoy (2001), com a revolução Industrial verifica-se um enorme desenvolvimento das ciências: surge naquele processo de transformação econômica, social e cultural uma série de invenções que viriam influir decisivamente nos rumos da história moderna. A fotografia, uma das invenções que ocorre naquele contexto, teria papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística.

A nova invenção veio para ficar. Seu consumo crescente ensejou o gradativo aperfeiçoamento da técnica fotográfica. Essencialmente artesanal a princípio, esta se viu mais e mais sofisticada à medida que aquele consumo, que ocorria particularmente nos grandes centros europeus e nos Estados Unidos, justificou invenções significativas de capital em pesquisas e na produção de equipamentos e matérias fotossensíveis. A enorme aceitação que a fotografia teve, notadamente a partir da década de 1860, propiciou o surgimento de verdadeiros impérios industriais e comerciais. (KOSSOY, 2001, p. 25)

Segundo Sousa (2000), nos Estados Unidos, a primeira fotografia de um acontecimento público foi realizada em 1844. Trata-se de um daguerreótipo da autoria de Willian e Frederick Langenheim, mostrando uma multidão reunida em Filadélfia por ocasião da eclosão de uma série de motins anti-imigração.

Em meados da década de cinquenta do século XIX, a fotografia já havia beneficiado dos avanços técnicos, químicos e óticos que lhe permitiriam abandonar os estúdios e avançar para a documentação imagética do mundo com “realismo” que a pintura não conseguia [...]. (SOUSA, 2000, p. 33).

De acordo com Kossoy (2009), o mundo tornou-se de certa forma “familiar” após o advento da fotografia; o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica.

Com a descoberta da fotografia e, mais tarde, com o desenvolvimento da indústria gráfica, que possibilitou a multiplicação da imagem fotográfica em quantidades cada vez maiores através da via impressa, iniciou-se um novo processo de conhecimento do mundo em detalhe, [...]. (KOSSOY, 2001, p. 26)

Segundo Borges (2008), dentre os campos de visibilidade da imagem fotográfica na imprensa de fins do século XIX e início do século XX, estavam também as representações sobre as classes sociais.

As imagens dos pobres traziam à tona o tema da sociedade de massa, dos trabalhadores imigrantes, dos desempregados, mendigos, em suma, do universo social identificado com as “classes perigosas”. Enquanto a produção das imagens de trabalhadores italianos, chineses, judeus, irlandeses etc., sobretudo dos desempregados ou subempregados, era guiada por uma interpretação moralista e reformista, saída do olhar xenófobo de médicos e juristas de fins do século XIX, as representações fotográficas da burguesia pautavam-se por valores positivos, como a beleza plástica, a felicidade, a união da família, o lazer etc. (BORGES, 2008, p. 68)

De acordo com Sousa (2000), as fotografias tornaram-se meio importante de informação fotovisual em que a presença delas nos jornais e revistas abriram caminhos para uma informação mais direta. Os fotógrafos tinham a intenção de dar ao leitor um testemunho e passar a sensação que o leitor estava presente na hora da ação que desencadeou a notícia.

Ainda segundo Sousa (2000), a ideia de que a evolução tecnológica (desde as primitivas câmeras escuras às atuais máquinas fotográficas) e estética (principalmente a partir da descoberta da perspectiva linear, que já vem da Renascença), permitiu a representação imagética da realidade de uma forma cada vez mais perfeita, alimentando, por conseqüência, a idéia de que a fotografia seria o espelho da realidade.

A 18 de abril de 1912, o padre jesuíta Franck Browne torna-se famoso depois que suas fotografias do Titanic, as últimas realizadas a bordo alguns dias antes do naufrágio, terem sido publicadas na Europa e nos Estados Unidos o padre Browne, aliás, provavelmente só escapou da morte porque o seu superior o impediu de continuar a viagem [...]. (SOUSA, 2000, p. 62)

Reflete Sousa (2000, p. 70), “a Primeira Guerra Mundial produziu pela primeira vez um fluxo constante de fotografias, que tendem a editar-se em suplementos ilustrados dos jornais”.

Em 1930, uma marca mítica de máquinas fotográficas, a Leica, que comercializa pela primeira vez um modelo dotado de objetivas permutáveis, utilizando um filme de 36 exposições. Pese, embora, a resistência á mudança de algumas publicações, como a própria Life, que em 1936, ainda insistia para que os fotojornalistas usassem câmeras de grande formato e não a Leica, esta marca afirma-se no mercado [...]. (SOUSA, 2000, p. 73)

De acordo com Sousa (2000), ainda nos anos 1930, a fotografia destinada à imprensa havia já conquistado certo respeito. Os fotógrafos obtinham reconhecimento e honorabilidade, a ponto de alguns deles se tornarem figuras conhecidas no mundo inteiro como: Carl Mydans, Catier-Bresson, Margaret Bourke-Withe, Kartész, Brassai, Munkacsi, Doisneau, David Douglas Duncan, George Rodger, David “Chim” Seymour, entre outros. O precursor do fotojornalismo atual foi Erich Solomon, com ele, nasce uma nova forma para a fotografia não posada. Torna-se o precursor da fotografia viva, que tenta surpreender, fotografar o instante deixando os rituais sociais e assumindo posições naturais.

[...] toda uma nova raça de fotojornalistas rompem com a idéia de que o repórter fotográfico pouco mais era do que simples servidor ao qual cabia obter uma fotografia muito nítida e agradavelmente composta para ilustrar os textos. (SOUSA, 2000, p. 77)

Erich Solomon usava um disparador sem ruído para não chamar atenção. Usava-se também de subterfúgios como esconder a máquina dentro da bíblia para fotografar um Cardeal. Outra característica é que ele dava autoria a suas fotos. “Solomon assinava suas fotos. O fotógrafo perde, assim, o anonimato, obtendo justo reconhecimento pelo seu trabalho, por vezes, atingindo o status de estrela.” (SOUSA, 2000, p. 78)

A maturação do fotojornalismo não evita totalmente a exploração da pose. Sucediavam-se os retratos de casamento, de grupo e de desportistas famosos, apesar da aparição de algumas fotos de significado histórico. “Nos jornais norte-americanos, tal como nos europeus (especialmente em revistas ilustradas), começam ainda a aparecer, com relativa frequência, fotos humorísticas, como as que apanham flagrantes engraçados dos políticos.” (Sousa, 2000, p. 104)

O fotojornalismo foi muito afetado pelas modificações na imprensa ilustrada. Após a crise dos finais dos anos sessenta princípios dos setenta, certo número de fotorepórteres começou a enveredar por alternativas no mercado de trabalho, como as revistas e relatórios de grandes empresas, jornais e editoras. (SOUSA, 2000, p. 109)

Conforme Kossoy (2001), a eleição de um aspecto determinado, selecionado do real, com seu respectivo tratamento estético, a preocupação na organização visual dos detalhes que compõem o assunto, bem como a exploração

dos recursos oferecidos pela tecnologia, são fatores que influirão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural.

[...] o registro visual documenta, por outro lado, a própria atitude do fotógrafo diante da realidade, seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal. (KOSSOY, 2009, p. 43)

De acordo com Borges (2008), a fotografia fica longe de ser um documento neutro. A fotografia cria novas formas de documentar a vida em sociedade. Mais que a palavra escrita, o desenho e a pintura, a pretensa objetiva da imagem fotográfica, veiculada nos jornais, não apenas informa o leitor como também cria verdades a partir de fantasias do imaginário, quase sempre produzidas por frações da classe dominante.

Segundo Kossoy (2009), toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente. Se por um lado, este artefato nos oferece indícios quanto aos elementos constitutivos, por outro, o registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca daquele preciso fragmento de espaço, tempo e retrato.

Três elementos são essenciais para a realização de uma fotografia: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia. São estes os elementos constitutivos que deram origem através de um processo de um ciclo que se completou no momento em que objeto teve sua imagem cristalizada na bidimensão do material sensível, num preciso e definido espaço e tempo. (KOSSOY, 2001, p. 37)

E completa Souza:

[...] as primeiras manifestações do que viria a ser o fotojornalismo, notam-se quando os primeiros entusiastas da fotografia apontaram a câmara para um acontecimento, tendo em vista fazer chegar essa imagem a um público, com intenção testemunhal [...]. (SOUZA, 2000, p. 25)

De acordo com Kosoy (2001), a fotografia é produzida com certa finalidade, dependendo do fotógrafo. As imagens serão registros e conterão valor documental, iconográfico.

A deformação intencional dos assuntos através das possibilidades de efeitos ópticos e químicos, assim como a abstração, montagem e alteração visual da ordem natural das coisas, a criação enfim de novas realidades

tem sido explorada constantemente pelos fotógrafos. [...]. Seu respectivo registro visual documenta a atividade criativa do autor, além de ser, em si mesmo, uma manifestação de arte. (KOSSOY, 2001, p. 49)

De acordo com Faria e Zanchetta (2002) nos anos 1930 são criadas as agências fotográficas que vendiam suas fotos para periódicos associados. Já nos anos 1940, elas se tornaram a principal fonte de fotografias para os periódicos. Na Europa, uma das mais prestigiadas era a Magnum, cooperativa de fotógrafos, fundada por Cartier-Bresson e outros em 1947 e da qual Sebastião Salgado, considerado um dos maiores fotógrafos documentarista da atualidade, que teve sua carreira iniciada em 1970, foi um de seus associados.

Já entre os anos de 1960 e 1980, o fotojornalismo entra em sua segunda fase, tendo atingido sua última manifestação em reportagens de guerra nos moldes dos anos anteriores durante a Guerra do Vietnã. Nessas duas décadas, a difusão da televisão e dos noticiários televisivos trarão a decadência do estilo da primeira fase e revistas de reportagens fotográficas, como a *Life*, tendem a desaparecer. Cada vez mais as fotos de imprensa são assinadas por especialistas e ganham uma função simbólica do evento ou das pessoas retratadas, concentrando-se numa foto única que se transforma em um signo condensado da notícia. (FARIA; ZANCHETTA, 2002, p. 133)

Atualmente, com os avanços tecnológicos, tanto na área de computadores, programas de edição e máquinas digitais que não necessitam de filmes de negativos, forma-se uma nova fase do fotojornalismo.

Assim, entramos na terceira fase do fotojornalismo, nos dias de hoje, com a fotografia digital. Do ponto de vista técnico, essas fotos têm uma resolução limitada de espaço, cores e detalhes, ao contrário dos negativos tradicionais em celulóide. Elas podem ser mais facilmente modificadas pela manipulação eletrônica: alterar as cores, as expressões das pessoas, tirar ou acrescentar figuras e objetos, modificar fundos, etc. (FARIA; ZANCHETTA, 2002, p. 133)

3.2 A Linguagem Fotográfica

Cada ângulo, foco ou composição representado nas fotografias pode ser produzido de forma intencional pelo fotógrafo para atrair ou distrair a atenção do leitor para determinados detalhes.

Segundo Camargo (1999, p. 109) “a linguagem fotográfica pode ser entendida como um sistema mínimo de expressão, que seja capaz de transmitir informações entre pessoas”.

A linguagem fotográfica é formada por todos os elementos que constituem as fotografias, quer sejam óticos, mecânicos, químico-técnicos e mesmo ideológico-conceituais que servem para constituir sua visualidade. É através destes elementos que a fotografia se realiza e, conseqüentemente, se expressa. (CAMARGO, 1999, p. 110)

De acordo com Boni (2000, p. 50), “a fotografia é uma manifestação de linguagem e sempre permite uma leitura. Essa leitura pode variar de meramente superficial a extremamente analítica, de acordo com o repertório e o propósito de cada leitor.”

Não há, cientificamente, nada que atrele com segurança o nível de capacidade de leitura do leitor, mas pressupõe-se que a leitura “meramente superficial” fique por conta dos menos dotados culturalmente (inclusive analfabetos) e “extremamente analítica” seja um privilégio dos mais dotados (BONI, 2000, p. 49)

Segundo Boni (2000), o fotógrafo diante de um fato constrói um significado particular. Intera-se, precisa entender o que ocorre para posteriormente transmitir o acontecido para o receptor. Nada mais é do que um tradutor e através da fotografia estará escolhendo um fragmento da realidade.

Ou seja, fotografa o concreto; elementos que por si só designam a própria substância de um ser real ou o abstrato pelo concreto; elementos que definem, caracterizam ou acentuam alguma coisa; elementos visíveis e palpáveis como pessoas, animais e objetos. Ele trabalha praticamente com o que é real. Portanto, substantivo. (BONI, 2000, p. 50)

Ainda para Boni (2000), os recursos tecnológicos junto com os elementos de linguagem possibilitam que o fotógrafo amplie a intencionalidade do resultado. O fotógrafo quando escolhe um recorte espaço temporal usa recursos como suporte de narrativa e os elementos da linguagem fotográfica como instrumentos do seu modo de pensar. Nesta soma ele cria um discurso e nele manifesta sua intencionalidade de comunicar.

Segundo Camargo (1999), dentre as maneiras de se trabalhar com fotografia três se destacam: a criação, a produção e a edição.

A criação pode ser entendida nos atos da tomada, processamento e manipulação das imagens fotográficas. Outras fotografias podem ser consideradas como “produzidas”, ou seja, não realizadas onde há um controle maior em relação à tomada, assunto e destino das mesmas. A edição fotográfica é a terceira atitude em relação à fotografia que apontamos. Muitas vezes é o trabalho desenvolvido pelo editor fotográfico que vemos e não apenas a ação do fotógrafo. (CAMARGO, 1999, p. 189)

Segundo Camargo (1999, p. 189), “o editor é aquele que seleciona e veicula a fotografia. Pode ser ou não um fotógrafo. Ele é que vai dar visibilidade à fotografia numa determinada mídia segundo certos sentidos.”

Muitas das qualidades de um editor dependem daquilo que ele sabe, de sensibilidade com sua experiência com a fotografia além de uma grande proximidade com a mídia e seu público. Sendo o editor aquele que dá visibilidade a imagem mediante a mídia para qual edita, cabe a ele a articulação entre os diversos elementos da edição como as imagens, texto em relação ao contexto no qual edita e para quem edita. Há uma intertextualidade entre as imagens e os dogmas, valores e ideologias que compõe o e tecido social no qual ele se insere, bem como o veículo para qual ele edita. (CAMARGO, 1999, p. 190)

Entre aproximadamente três mil fotografias que o grupo de TCC analisou, tanto produzidas como do acervo pessoal do Rosa dos Ventos, foram escolhidas e editadas baseadas nas características da linguagem fotográfica expostas a seguir.

3.2.1 Plano de Tomada

Segundo Boni (2000), os planos de tomada são definidos pelo afastamento da câmera em relação ao objeto a ser registrado. Sua característica é a aproximação e afastamento da imagem em relação à lente.

Os planos de tomada, via de regra, são atrelados à distância focal das lentes fotográficas. As lentes de curta distância focal (olho-de-peixe e grandes angulares) são muito utilizadas para planos abertos (panorâmico, grande plano geral e geral). As lentes de distância focal mediana (a lente normal de 50 mm, por exemplo) são mais utilizadas para planos médios (geral, médio, americano). E as lentes de longa distância focal (zooms e objetivas) são mais apropriadas para os planos mais fechados (americano, primeiro plano, close-up, plano de detalhe). (BONI, 2000, p. 63)

3.2.1.1 Plano Panorâmico

O plano panorâmico pode ser considerado o mais aberto de todos os planos, de acordo com Boni (2000).

Muito utilizado pelo cinema, é o plano que oferece ao leitor a maior amplitude horizontal de visão do que foi fotografado. É pouco utilizado na fotografia, por apresentar um formato retangular mais comprido, diferente do quase onipresente retângulo baseado na proporção de dois terços utilizado nas ampliações fotográficas (10x15, 12x18, 18x24, etc.) Quando o é, quase sempre, é para o registro de paisagens. (BONI, 2000, p. 65)



FIGURA 1 – Plano Panorâmico – 15/10/2010
Fonte: Valmir Custódio

3.2.1.2 Grande Plano Geral

De acordo com Boni (2000), este plano se parece com o panorâmico. A diferença é a perda da imagem no sentido horizontal e ganho no vertical.

Este plano é mais fotográfico que cinematográfico, pois praticamente obedece à proporcionalidade dos dois terços no formato retangular da maioria das ampliações fotográficas. Por ser aberto, de vasta abrangência geográfica, normalmente, obtido com o uso de uma lente de curta distância focal, o ambiente torna-se o elemento preponderante neste plano. (BONI, 2000, p. 65)

Neste plano pode-se ter a visão quase que total do ambiente fotografado onde muitos elementos do cenário escolhido pelo fotógrafo compõem a fotografia. Na figura a seguir dá para se ver a apresentação do grupo na parte central da imagem, a platéia que está ao redor, parte do teto e do chão e ainda passa a sensação para o leitor de que ele está no local observando. Outra característica deste plano é fazer com que os elementos principais sejam somente partes do contexto, sem um destaque expressivo. Na figura 1, pode-se observar que os artistas estão presentes, porém, não dá para ver as expressões em detalhe, praticamente então do mesmo tamanho e na mesma posição das demais pessoas fotografadas.



FIGURA 2 – Grande Plano Geral – 05/2005
Fonte: Arquivo da Companhia Rosa dos Ventos

3.2.1.3 Plano geral

Segundo Boni (2000), este plano é um pouco mais fechado que o grande plano geral. Neste, o ambiente passa a dividir espaço com outros elementos e é normalmente utilizado para identificar ou dar referência ao local.

Uma das principais vantagens do Plano Geral é seu valor descritivo. Ele tem a capacidade de situar a ação e o homem no ambiente em que ocorre a ação. Feijó destaca que esse enquadramento “propicia uma certa integração entre o homem e o ambiente, ou seja, trata-se de um plano não tão aberto a ponto de transformar o homem num mero elemento figurativo do cenário e não tão fechado a ponto de valorizar o referencial humano em detrimento do ambiente. (BONI, 2000, p. 67)

Neste plano há elementos que identificam o cenário e as ações. Como podemos verificar na figura 3, os artistas estão em um plano que as expressões e ações são mais percebidas. O público está presente, mas é parte integrante do cenário em segundo plano. Na imagem pode-se observar a valorização dos artistas sem que os demais elementos sejam excluídos.



FIGURA 3 – Plano Geral

Fonte: Arquivo da Companhia Rosa dos Ventos

3.2.1.4 Plano Americano

Ainda segundo Boni (2000), neste plano o sujeito interage com o ambiente e por ser vivo sobrepõe-se a ele. “A diferença marcante entre os planos Médio e Americano é que este corta o elemento humano pelos joelhos ou pela cintura, enquanto aquele, normalmente, enquadra o elemento humano por inteiro no fotograma.” (BONI, 2000, p. 70)

Os cineastas acreditam que, por cortar o elemento humano na altura dos joelhos ou da cintura, o Plano Americano, concentra a atenção do telespectador nos movimentos dos braços e da cabeça do personagem. Assim, mesmo caracterizado como parcialmente descritivo, onde homem e ambiente interagem, esse enquadramento privilegia com ênfase o componente vivo em detrimento dos demais. Nas décadas de 30 e 40 essa tomada foi largamente utilizada pelo cinema *hollywoodiano*, motivo pelo qual ficou mundialmente conhecido por “plano americano”. (BONI, 2000, p. 70)

Na figura a seguir pode-se observar Tiago Munhoz, um dos integrantes do Rosa dos Ventos, ensinando uma adolescente no projeto Aquarela. O artista ajuda a aluna a realizar alguns movimentos com as pernas sobre uma mesa. Para retratar e levar a visão do leitor para a ação foi necessário utilizar o Plano americano, ou seja, a imagem foi cortada na altura da cintura do Tiago Munhoz, na qual está também posicionada a aluna para facilmente poder observar a intenção da composição. Levar a visão do autor para os movimentos.



FIGURA 4 - Plano Americano – 03/2010
Fonte: Valmir Custódio

3.2.1.5 Primeiro Plano

Segundo Boni (2000), este plano é conhecido como close-up (fechando em cima). “O Primeiro Plano isola o sujeito do ambiente, chamando para cima dele a atenção do leitor. Seu enquadramento é tão fechado que destaca a fisionomia do sujeito, registrando em pormenores seus traços e emoções.” (BONI, 2002, p. 71)

Na figura 5 pode-se observar detalhes do rosto de Fernando Ávila. As sobrancelhas erguidas, as dobras da testa devido ao movimento, o olhos bem

abertos e a boca retorcida. Os detalhes de todo o rosto são preservados e facilmente notados.



FIGURA 5 - Primeiro Plano – 05/2009
Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

3.2.1.6 Plano de Detalhe

Segundo Boni (2000), este é o plano conhecido pelos americanos como Big Close-up.

O Plano de Detalhe, como a própria denominação sugere, é um plano de pormenor, que destaca apenas uma parte do objeto ou do corpo de uma pessoa. A fotografia apenas dos olhos, da boca, ou das mãos de uma pessoa caracteriza a tomada em enquadramento de detalhe. (BONI, 2002, p. 72)

Como pode ser observado na figura 6, o rosto de Gabriel Mungo não está por completo na composição. Mas como o plano é muito fechado, a expressão dos detalhes é valorizada. Neste caso, somente um olho, parte da boca e do nariz pode ser visto, de forma muito próxima.



Figura 6 – Plano de Detalhe – 08/2010

Fonte: Valmir Custódio

3.2.2 Diafragma

De acordo com Camargo (1999, p. 237), “além de captar a luz a câmara fotográfica possui componentes cujos acionamentos mecânicos são capazes de dosarem a luz e o tempo de exposição, bem como focarem e congelarem a imagens”.

Ainda de acordo com Camargo (1999, p. 237), “de modo geral o diafragma é responsável pela dosagem da qualidade de luz que atinge o filme e o obturador é responsável pelo tempo de exposição deste filme a luz”.

Há vários tipos de diafragma: de cortina, de íris, de lâminas, rotatórias, de guilhotina, fixos, etc. Podem ser localizados no corpo da câmara e na objetiva. Os que se localizam nas objetivas são normalmente de lâminas semi-circulares, tipo íris. Estas lâminas deslocam-se em torno de uma área central determinando o tamanho do orifício por onde passa a luz, isso permite dosar a quantidade de luz que atingirá o filme. Aumentando ou diminuindo progressivamente sua abertura iremos dobrar ou dividir sua quantidade de luz imposta ao filme. (CAMARGO, 1999, p. 237)

3.2.3 Planos de foco

Segundo Boni (2000), “os planos de foco dizem respeito à seleção de foco nos elementos que compõem o fotograma. O fotógrafo pode, em termos de nitidez, privilegiar um elemento que compõe o fotograma em detrimento de outro(s).”

Na figura 7 pode ser observado que existe uma preferência no foco em Gabriel Mungo, ele está mais nítido que os elementos que antecedem e protelam o artista.



FIGURA 7 - Plano de foco – 03/2010
Fonte: Valmir Custódio

3.2.4 Composição

Segundo Boni (2000), a composição é uma mistura de técnica e arte. É a ação de ordenar os elementos em um determinado espaço de forma que mantenha um equilíbrio visual.

A composição é uma seleção, pelo fotógrafo, do que será apresentado ao leitor. Esse processo seletivo dá-se em duas etapas. A primeira está relacionada com a escolha dos elementos (humanos, animais, objetos, ambiente, etc.) que irão compor o fotograma. Geralmente essa escolha se dá através do enquadramento e do corte. Faz-se uma seleção do que fotografar. A segunda etapa está relacionada às técnicas de como fotografar o que se escolheu para fotografar. (BONI, 2002, p. 76)

3.2.4.1 A Regra dos Terços

Segundo Paulo Boni (2000), esta regra consiste em dividir o objeto a ser fotografado em terças partes, ou seja, imaginar no visor duas linhas verticais e duas horizontais perfazendo nove partes iguais com quatro interseções.

A Regra dos Terços é considerada um dos mais antigos métodos de composição. É conhecida e utilizada pela maioria dos fotógrafos. É tida como ensinamento obrigatório nas escolas que ensinam fotografia. É presença certa nas revistas especializadas em fotografia. (BONI, 2000, p. 78)

As retas paralelas na horizontal e na vertical traçadas na figura a seguir, que pode tanto ser desenhada mentalmente pelo fotógrafo como pode ser configurada em equipamentos mais modernos para que elas apareçam no visor, exemplificam a distribuição dos elementos na Regra dos Terços. Como observado, os artistas são colocados entre a parte central e o lado direito. No oposto se tem a visibilidade da plateia. Uma regra que deve ser observada nesta composição é que os rostos dos elementos principais devem estar voltados para o interior da imagem. Nesta figura dá para perceber que os artistas olham para a plateia da direita para a esquerda e a plateia da esquerda para a direita.



FIGURA 8 - Rosa dos Ventos em Regra dos terços - 03/2006
Fonte: Companhia Rosa dos Ventos

3.2.4.2 *Perspectiva*

Paulo Boni (2000) também afirma que a fotografia é uma superfície plana e bidimensional e que tal fator é caracterizado pela altura e largura, ou comprimento. Quando bem elaborada tem o poder de provocar no leitor a sensação de que ele vai entrar na foto.

Perspectiva é a forma pela qual os objetos são representados no espaço em termos de profundidade. Mesmo quando a fotografia não apresenta o efeito ótico de profundidade, ela é caracterizada por uma perspectiva plana, sem nenhuma profundidade. Assim, a perspectiva é, praticamente, condição essencial da composição. Cabe, portanto, ao fotógrafo optar, durante o ato fotográfico, pela noção de profundidade ou pela imagem plana. (BONI, 2000, p. 79)

Na figura 9 os elementos estão expostos de forma diagonal. Fernando Ávila ajuda os alunos do Projeto Aquarela a se equilibrarem de ponta cabeça. O fotógrafo se posicionou na sequência dos alunos e também enquadrou Ávila. A posição escolhida valorizou os movimentos e permite que o leitor tenha a impressão que o instrutor chegará ao leitor.



FIGURA 9 - Perspectiva
Fonte: Valmir Custódio

3.2.5. *Profundidade de Campo*

Segundo Boni (2000, p. 83), “a profundidade de campo depende da basicamente de três fatores: abertura do diafragma, distância focal e distância de tomada, ou seja, a distância entre a câmera fotográfica e o motivo a ser fotografado.”

Profundidade de campo, tecnicamente, refere-se ao espaço de focagem nítido numa imagem, aquém e além do ponto central focado. Ou seja, ajusta-se o foco no motivo central do fotograma e tudo o que estiver focado à frente e atrás desse motivo é conhecido por profundidade de campo. (BONI, 2000, p. 83)

3.2.5.1 Foco Seletivo

De acordo com Boni (2000), consiste em valorizar um elemento em relação aos outros, usando o foco em um determinado ponto e desfocando outros.

Tecnicamente, a focalização seletiva consiste em focar uma parte do motivo ou cena, deixando o resto desfocado e borrado. Essa técnica oferece melhores resultados quando da utilização de objetivas de longa distância focal que, por si só, possuem uma escala de foco seletivo muito acentuada, e se o motivo estiver dentro dessa escala. Com lentes de média distância focal esse efeito também é possível se o diafragma estiver bem aberto e o motivo próximo da câmera. Com as lentes de curta distância focal a seletividade de foco também é possível, mas à custa de distorções acentuadas do tema. (BONI, 2002, p. 84)

Na figura 10 pode ser observado Fernando Ávila em primeiro plano com nitidez. Já os elementos que estão ao fundo estão desfocados. Isto imita a visão humana onde o que não está sobre o foco está na visão periférica e desfocada.



FIGURA 10 - Foco Seletivo – 03/2010
Fonte: Valmir Custódio

3.2.6 Ângulo

Segundo Boni (2000, p. 84), “em fotografia o ângulo de tomada de uma imagem representa o ‘ponto de vista’ do fotógrafo em relação ao tema ou motivo fotografado”.

Quando a câmera estiver situada na mesma altura do tema ou motivo a ser fotografado, diz-se que o ângulo é normal. Quando a câmera estiver abaixo, diz-se que o ângulo é baixo ou *contre-plongé* (da literatura francesa que, traduzido, seria algo como contra-mergulho). Por fim, quando a câmera estiver acima, diz-se que o ângulo é elevado ou *plongé* (mergulho). (BONI, 2000, p. 85)

3.2.6.1 *Plongé* (mergulho)

De acordo com Boni (2000) o mergulho diminui o sujeito fotografado em relação ao leitor.

Na figura 11 o fotógrafo se posicionou acima dos integrantes e registrou a imagem de cima para baixo. Pode-se ver que os elementos ficam menores e dão a nítida impressão de serem menores que o normal. Esta técnica é utilizada, muitas vezes de forma intencional, para dar menor valor ao que está sendo registrado, pois a visão do leitor fica acima dos elementos que também diminuem de tamanhos.



FIGURA 11 - Plongé – 08/2010
Fonte: Gustavo Sawada

3.2.6.2 *Contre-Plongé (contra-mergulho)*

Segundo Boni (2000) o *contre-plongé* valoriza o sujeito fotografado em relação ao leitor. Cria, pela angulação de tomada, uma sensação de grandeza, de imponência.

Na figura 12 pode ser observado que o fotógrafo registrou um padeiro de baixo para cima. Isto dá a impressão de superioridade de quem está sendo fotografado. Técnica muito utilizada para exaltar elementos da composição da fotografia. A visão do leitor fica abaixo do elemento principal o qual fica maior em relação a quem está vendo a fotografia.



FIGURA 12 – *Contre-Plongé* – 11/2010

Fonte: Valmir Custódio

3.2.7 *Movimento*

Segundo Camargo (1999, p. 69), “[...] a partir do momento em que foi inventado um suporte sensível, capaz de ser impressionado e reter a luz, surgiu a necessidade de controlar o tempo de exposição do filme. [...] assim criou-se o obturador.”

A função do obturador é ajustar o tempo de exposição do material sensível à luz. As velocidades de obturador mais rápidas são capazes de reter o movimento no ato de sua execução e dar a impressão que eles foram congelados, ao contrário, se utilizamos uma velocidade de obturador muito baixa a imagem ficará borrada no sentido oposto ao movimento em curso no ato fotográfico. (CAMARGO, 1999, p. 69-70)

Segundo Boni (2000, p. 87), “mesmo num suporte único, de superfície plana, que favorece a estaticidade, algumas fotografias representam movimento.”

Ao contrário, quando se opta por fotografias que representam movimento, o que se pretende é estender o raciocínio do leitor para a continuidade da cena da qual se congelou apenas um fragmento espaço temporal. É uma forma de apresentação dinâmica, que pressupõe - ou até mesmo induz - movimento, seqüência, continuidade. (BONI, 2000, p. 87)

Na figura 13 pode ser observado que se a imagem não fosse congelada pela fotografia ela teria na seqüência um movimento. Felipe Madureira faz cara de quem não está suportando o peso dos outros integrantes e provavelmente eles cairiam no chão.



Figura 13 - Rosa dos Ventos em Movimento – 08/2010
Fonte: Gustavo Sawada

3.2.8 Equilíbrio

De acordo com Boni (2000, p. 101), “o equilíbrio está relacionado à disposição harmônica dos elementos que compõem o cenário.”

Da limitação visual do leitor, principalmente, decorre a necessidade de trabalhar bem o equilíbrio na composição fotográfica para maior facilidade de leitura. Trabalhar bem o equilíbrio pode significar - ou não - a manipulação dos elementos ou das condições fotográficas. Quando se trata de fotografias que permitem uma pré-produção, como no caso das artísticas e publicitárias, o fotógrafo tem condições de interferir no contexto, acrescentar ou retirar elementos do cenário, controlar e direcionar a iluminação, etc., possibilidades que lhe conferem melhores condições de equilíbrio na composição. (BONI, 2000, p. 101)

Na figura 14 observa-se que a Companhia Rosas dos Ventos está distribuída com o objetivo de harmonizar a composição. Pode ser observado que os espaços de teto e chão são praticamente os mesmos. Os integrantes ocuparam a maior parte da imagem sem que fossem cortadas partes dos elementos. A imagem está toda focada.



FIGURA 14 - Equilíbrio 08/2010
Fonte: Gustavo Sawada

O conhecimento destas técnicas, da linguagem fotográfica e de todos os elementos que a compõem e as tecnologias a disposição são fundamentais para o fotógrafo dominar a composição do que será registrado e até mesmo tomar decisões rápidas na solução de possíveis problemas.

Para a realização da produção em estúdio e também para a captação de flagrantes da rotina do Rosa dos Ventos, o conhecimento destas técnicas, assim

como o manuseio dos equipamentos, teve fundamental importância para que as fotografias fossem apresentadas ao leitor com boa qualidade.

4 ARTE DE RUA

Este capítulo apresenta uma breve contextualização histórica sobre artes circenses, e suas origens, contendo tópicos que fazem um breve resumo sobre a história do teatro de rua, o circo-teatro, e o circo, retratando o seu personagem principal que é o palhaço e suas características.

Para Silva (2003), a arte é caracterizada por um tipo particular de conhecimento que o ser humano produz a partir de perguntas fundamentais, tentando compreender o seu lugar no universo buscando a significação da vida. A arte não representa ou reflete a realidade percebida de um ponto de vista. É conhecimento artístico de outras formas de conhecimento humano. A forma artística pode significar coisas diferentes, resultantes da experiência de cada um: habilidades de percepção, intuição, raciocínio e imaginação atuam tanto no artista quanto no espectador, situando-se no ponto de encontro entre o particular e o universal da experiência humana.

Considerando o teatro como a arte de representar em palco, ele surgiu na Grécia durante a Idade Média e até hoje sobrevive sendo mais que uma encenação, e sim um exercício de imaginação. “O fascínio do teatro ainda se exerce pelo contato direto do espectador com o intérprete. Admitido a testemunhar a ficção, o público se evade das amarras prosaicas, passando a comparsa de uma aventura superior”. (MAGALDI, 1998, p. 73)

Segundo Silva (2007), a expressão circo-teatro surgiu em 1875 no dia 13 de agosto na América do Sul, veiculado pela imprensa a estréia de um circo-teatro que seria inaugurado por Albano Pereira, circense da época.

Para parte dos memorialistas circenses, Albano Pereira é considerado o primeiro a colocar o palco junto ao picadeiro no Brasil. Isso poderia ser verdadeiro, visto que ele parece ter sido um dos primeiros a construir um pavilhão com aquelas características. (SILVA, 2007, p. 80)

Segundo Bolognesi (2003), em todas as regiões do Brasil, o circo desempenha o papel de produtor e difusor da cultura, especialmente para aquelas localidades desprovidas de outros equipamentos culturais.

4.1 Teatro de Rua

O teatro de rua é a arte de resistência. Para Magaldi (1998, p. 7), “o teatro abrange ao menos duas acepções fundamentais: o imóvel em que realizam espetáculos e uma arte específica transmitida ao público por intermédio do ator.”

O local onde vem se caracterizar o teatro de rua, na maioria das vezes é em praças, parques, ruas, lugares onde vem a se desenvolver o seu espaço cênico. Em um mundo especularizado, a arte, como qualquer outra ação e manifestação, tende a ser encarada como mais uma mercadoria. (Arte..., 2009)

A origem do teatro se deu na Idade Média onde as primeiras sociedades primitivas, tinham a necessidade de se comunicar através de representações e símbolo. (MAGALDI, 1998)

Magaldi (1998, p. 74) diz que “o teatro estabeleceu uma comunicação com o público semelhante á que distinguira as festas dionisiacas. Os espectadores dos dramas litúrgicos ou dos milagres acompanhavam a representação como um ato de fé.”

Na indústria cultural o teatro se enquadra como ferramenta essencial na história da produção artística para a humanidade, às vezes tendo como significado a sua função social.

[...] a legislação chega a admitir o teatro como serviço público, não dispensando esforços para torná-lo mais acessível às camadas menos favorecidas. O que evidentemente cria laços e dependências ideológicas. Em muitos momentos, ou circunstâncias históricas, o teatro se exerce contra os poderes constituídos. A arte sempre foi uma forma aberta de desafio e rebeldia e o teatro tem assumido [...] um papel de agente da contestação. (PEIXOTO, 1980, p. 55)

O teatro de rua se diferencia dos demais termos relacionados ao teatro, e as artes plásticas devido à característica popular que desenvolve perante a sociedade.

No discurso ideológico associado ao teatro de rua aparece como elemento vital a necessidade de aproximação a um público popular que estaria particularmente do fenômeno teatral. Assim teatro de rua representaria uma espécie de promessa de socialização do fenômeno artístico, cumprindo a função de devolver ao “povo” aquilo que seria naturalmente dele. (MAGALDI, apud TELLES; CARNEIRO, 1998, p. 25)

Segundo Magaldi (1998, p. 106), referindo-se ao termo Teatro Popular, “o teatro popular parece a forma prática de exprimir uma arte social, rompendo as barreiras de classes [...] compreende, em principio, o desígnio de atingir pelo espetáculo as camadas populares, democratizando um privilégio da burguesia.”

É esse o trabalho realizado pela companhia Rosa dos Ventos que escolheu o teatro de rua para demonstração da sua arte circense, com o objetivo de inclusão social.

4.2 Circo

O circo teve seu início com influência trazida da Europa no final do século XVIII, e quando se fala de circo não se pode deixar de destacar Philip Astley. Para Silva (2007, p. 34), “grande parte da bibliografia que trata da história do circo, Astley é considerado o inventor da pista circular e criador de um novo espetáculo [...]”. Com as dificuldades de se apresentar a céu aberto, por causa das variações do tempo, 1779, Astley construiu um anfiteatro permanente e coberto em madeira, o Astley Royal Amphitheater of Arts, que também comportava uma pista cercada por arquibancadas.

Segundo Silva (1996), no Brasil, a partir do início do século XIX, registra-se a presença de várias famílias circenses européias. Muitas chegaram como saltimbancos, trazendo a “tradição” da transmissão exclusivamente oral do saber. Esta forma perdura praticamente até os dias de hoje.

O personagem principal que caracteriza o circo é o palhaço, dentre as companhias cada uma tem os seus artistas que o representa. Bolognesi (2003), afirma que o palhaço tem a chance de fazer o público pensar porque o palhaço é o único artista no circo que tem a oportunidade de passar uma mensagem.

Na história do circo a figura do palhaço está presentes nas mais variadas formas. Dois estilos que se destacam nas companhias são o *clown* e o excêntrico, cada artista os representa de uma forma inusitada, mas sem fugir do contexto original.

[...] clown e excêntrico foi criada como uma sátira da humanidade, porque, no embate entre dois, o excêntrico sempre sai ganhando. Cada um tem seu conhecimento, a sua sabedoria. Mesmo um bobão sabe de coisas que um grande sábio ignora. (AVANZI; TAMAOKI, 2004, p. 28)

Philip Astley serviu de inspiração para montagem do circo Astley que teve seu primeiro espetáculo no Brasil dia 11 de Dezembro de 1997 na cidade Nova Aliança - SP. Uma das revelações foi o palhaço Faísca, que dedicou sua vida ao circo-teatro desde a década de 1920. Segundo Bolognesi (2009, p. 20), “o nome do personagem sugere velocidade e rapidez. Sua maquiagem era bastante simples, com pequenos traços brancos nos lábios e nos olhos e uma grande mancha vermelha que cobria as duas bochechas”.

A arte circense vem se manifestando das mais diversas formas ao longo da história e, atualmente, com suas lonas, faz parte do imaginário coletivo, integrando-se a paisagem como algo colorido que ali se assentou inesperadamente, “trazendo o sublime, com números artísticos que ultrapassam a capacidade humana, e o grotesco, na figura do palhaço, com suas calças e sapatos enormes, chapéu que não cabe na cabeça e um discurso que por mais racional que seja, soa absurdo.” (BOLOGNESI, 2003, p. 6)

Como se viu até aqui o circo tinha principal função entreter e conscientizar o público sobre situações humanas. Com isso, elementos e características básicas eram usados para compor o espetáculo.

“Antigamente, o espetáculo circense no Brasil era apresentado em duas partes. Na primeira, levava-se acrobacias, malabarismo, trapézio, bailados, cavalos, entradas e reprises de palhaços e na segunda, teatro.” (AVANZI; TAMAOKI, 2004, p. 33)

É admirável imaginar que uma estrutura grande e luminosa, cheia de vida, a qual denominamos circo, seja montada pelas mãos dos próprios artistas, e não corre riscos de desabar, no entanto, com a terceirização da montagem não se tem mais essa certeza.

Toda estrutura do circo, do pau de roda ao mastro, da empanada as barracas, frente, bilheteria, era construída, confeccionada, armada e desarmada pelos próprios artistas. E assim tinha que ser, pois só os circenses dominavam esse conhecimento. (AVANZI; TAMAOKI, 2004, p. 38)

O processo de carreira de um circense não é só baseado em comédias, criadas da noite para o dia, e sim todo um aprendizado por trás, pois na maioria das vezes as técnicas de circo eram passadas de pai para filhos, e o ciclo não podia morrer.

Para ser um circense tinha que assumir a responsabilidade de ensinar a geração seguinte. Ao longo de sua aprendizagem, a criança “aprendia a aprender” para ensinar quando fosse mais velha. O “ritual de iniciação” – aprendizado e estréia era um rito de passagem, a possibilidades de tornar-se um profissional circense. (SILVA, 2007, p. 95)

Apesar dos detalhes e caprichos que os circenses têm com suas montagens, de toda a beleza e alegria que ele transmite, existem indícios que podem acabar, por conta da desvalorização dos órgãos por eles responsável. Segundo Bolognesi (2009, p. 42) a maior tristeza é ver que o circo está acabando, pois o circo não tem apoio do governo e não é só o circo no Brasil, mas a cultura não tem apoio.

O Rosa dos Ventos utiliza das características e das técnicas circenses em suas apresentações, ministram oficinas de circo com o objetivo de expandir a arte circense para que a arte de circo não se acabe.

5 ROSA DOS VENTOS

5.1 A Trajetória da Companhia

O grupo Rosa dos Ventos surgiu da parceria entre os alunos da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), da cidade de Presidente Prudente. Fernando Ávila e Tiago Munhoz em 1999, através da Pró-Reitoria de Extensão (Proex), da Unesp, que os dois iniciaram o projeto “Alegria” com o objetivo de conseguir ajuda de custo para os espetáculos, já que ambos tinham interesse na área cultural. No começo, o grupo contava com a participação de mais três integrantes, Silvia Cantoia, Elaine Regina Branco e Marcos Olímpio, que também eram alunos da instituição.

O grupo percorria escolas da cidade de Presidente Prudente fantasiados de palhaços, onde apresentavam cantigas e brincadeiras de roda. A primeira peça do grupo foi montada em 2001, que teve como nome “Hoje tem espetáculo” acrescentando cenas teatrais.

Ávila era o único integrante que tinha experiência artística já que havia participado de uma companhia chamada Rio Circular, na cidade de Barretos-SP. Foi através de cursos e muita observação de outros grupos de teatro e de circo que eles começaram a se aperfeiçoar na área.

Em 2005, foi criado o segundo espetáculo com o nome de “Saltibembes Mambembancos”. Onde a companhia, além das apresentações artísticas e teatrais, teve a oportunidade de se apresentar em animações de festas. O dinheiro arrecadado dava a possibilidade de aprimorar temas para novas apresentações. Nesse segundo espetáculo não eram usadas cenas tradicionais de circo e sim movimentos criados por eles mesmos. Um dos destaques da peça era o show de pirofagia.

Ao longo dos anos o Rosa dos Ventos ganhou notoriedade na cidade de Presidente Prudente e região tornando-se uma das principais companhias teatral e circense da região, hoje eles são referência para interessados da área. Durante esses 11 anos o grupo percorreu 15 estados brasileiros perfazendo um total de 200 cidades.

A companhia Rosa dos Ventos se diferencia dos outros grupos, pois, mistura teatro com características e técnicas do circo e desenvolve seu trabalho nas ruas. “O teatro feito fora dos palcos contribui para uma maior diversidade, não existe limites para contato com o público”, diz Fernando Ávila (2010).

O nome “Rosa dos Ventos” foi adotado pelo grupo, porque os integrantes na época da formação eram alunos de geografia, e o símbolo da rosa dos ventos foi o mais apropriado porque significa seguir em todas as direções. Essa é a principal proposta do grupo, democratizar o teatro, ir além dos limites físicos dos palcos.

Os três integrantes que iniciaram o projeto juntamente com a formação atual Elaine, Silvia e Marcos traçaram outros rumos para sua vida e não continuaram na companhia Rosa dos Ventos todos foram se profissionalizar na área da Geografia.

Segundo Fernando Ávila (2010), a carreira na companhia é um desafio diário, foi uma escolha de vida. Esse sempre foi o objetivo profissional, apesar de se preocupar com o futuro, já que a carreira não reserva muita segurança a longo prazo.

Na construção e caracterização da companhia, um dos desafios foi à criação dos nomes dos personagens. Teria que ser bem criativo e ligado com a figura do palhaço. O nome sugerido para Ávila foi “Dez para Sete”. O nome surgiu quando uma companhia de Barretos veio até Prudente em 2001 e se hospedou na moradia da Unesp. Todos os dias, Fernando acordava os amigos no mesmo horário, exatamente às dez para sete da manhã para cumprir os compromissos de apresentações. Foi daí que se deu o nome ao personagem.

Para Ávila (2010), o pior momento na companhia, foi quando teve que se distanciar do grupo devido ao mestrado em Geografia que foi cursar na cidade de Cascavel-PR. Além das dificuldades financeiras enfrentadas na maioria das vezes no início dos anos, época que o número de espetáculos é menor, ponto também destacado pelos demais integrantes.

Em todo esse tempo de história a companhia ganhou destaque e já se tornou influência para outros grupos. Em sua última viagem para a cidade de Iguazuí-ES, eles receberam um prêmio de melhores atores devido à harmonia entre o grupo e a energia que a companhia transmite. Em seus espetáculos não existe

protagonistas, todos são importantes e tem seu papel de destaque na cena, onde o público acaba sendo o coadjuvante.

De acordo com Ávila (2010), a maior satisfação em um espetáculo é ver a reação do público, o impacto causado pelas cenas apresentadas.

Tiago Munhoz (2010) tem grande satisfação em olhar para trás e ver o quanto o grupo evoluiu e quantas barreiras foram ultrapassadas. Tudo o que conquistaram e todo o reconhecimento é o que dá forças para seguir em busca de um futuro mais maduro e com mais sucesso.

Munhoz (2010), ainda afirma que a sua perspectiva é sempre alcançar novos lugares, viajar, conhecer pessoas diferentes e trocar idéias. Para ele o aprimoramento e a busca de novos projetos para a companhia é necessário para deixar de ser mais um movimento e sim um patrimônio para a cidade.

A relação entre os integrantes do grupo sustenta o equilíbrio e o companheirismo visto nas apresentações. A união os faz um grupo com mais força. Eles se definem como uma família que acredita na harmonia, cumplicidade e respeito.

Munhoz diz que “a gente sempre foi um grupo horizontal, nunca existiu um líder, todos são líderes. A gente brinca que todo mundo manda e ninguém obedece.”

Para ele, o próximo passo que pretendem dar é montar um espetáculo que possa falar de tudo o que desejam, sem farpas na língua e sem precisar vendê-lo para lugar nenhum. Querem apresentar os ideais falando sobre arte, fazendo todos morrer de rir. Para eles isso é muito subversivo para sociedade, mas isso é outro projeto que ainda estão estudando.

O palhaço Cústipil de Pinótil, personagem de Tiago Munhoz, tem este nome, pois recebeu da mãe, ainda quando criança e prevalece até hoje nos espetáculos da companhia. A mãe contava uma historia meio estranha que quando ele fazia uma careta e o vento batia como um cústipil de pinótil o seu rosto ficava deformado da careta. Tiago participou do batismo de todos os personagens.

Beterraba é o atual nome do personagem de Gabriel Mungo, nome este que passou por reformulações no decorrer do tempo, o seu rosto marcado e com espinhas dava origem ao apelido de beterraba, e devido a pouca idade e a característica de menino era chamado de Don Ruan Beterraba, mas ao ficar adulto ficou definido palhaço Beterraba.

Mungo entrou no grupo com doze anos de idade, e precisava do apoio da família para poder prosseguir com sua vontade que sempre foi relacionada à arte, ao teatro, ao circo e conseguiu o apoio necessário.

Minha mãe me teve com dezesseis anos. Era nova e acabou entendendo e gostando dos meninos [...] minha mãe tinha até que omitir algumas coisas para minha avó para ela ficar mais tranquila. Não tenho do que reclamar de nada em relação a apoio familiar. (MUNGO, 2010)

Com todo o apoio que ele tinha da família, teve um momento em que ele não conseguiu uma autorização da mãe para uma viagem à Argentina, viagem essa que teria como meio de locomoção o opala da companhia. Um dos motivos pela qual a mãe não autorizou o filho a ir foi pelas condições que o veículo se encontrava. Mas, ele entendeu a decisão da mãe e seguiu até Foz do Iguaçu, onde ela o autorizou.

Mungo afirma que nessa sua trajetória na companhia, o melhor momento sempre é o presente, a elaboração de novos espetáculos, o aperfeiçoamento nas apresentações, novas pessoas interagindo com o grupo e trabalhando em busca de novos projetos. Tudo isso é uma realização constante nesses 11 anos de história. Ele ainda ressalta que não se arrepende de nada, pois não enxerga outro rumo para sua vida, nunca teve outro pensamento, somente o de se tornar um palhaço.

Apesar de ser o mais novo do grupo ele é responsável pelas finanças da companhia. Costumam brincar que Mungo é o encarregado pelas dívidas do grupo, referindo-se a cachês e aplicações.

Vindo de São José do Rio Preto, Felipe Madureira, já está na companhia há sete anos. Desde a entrada em 2004, quando começou a fazer a sonoplastia do grupo, e um ano depois, estreou no espetáculo Saltibembes Mambembancos, com o personagem do palhaço Madureira.

Madureira já trabalhava com eventos, malabaris, estátua viva e pernas de pau, e seu objetivo, na sua vinda até Prudente, além dos estudos na Unesp era se aperfeiçoar na área. Foi quando conheceu o grupo Rosa dos Ventos numa apresentação no Prudenshopping em seu primeiro dia de aula na faculdade, e desde então, passou a acompanhar o ritmo da companhia até a sua entrada permanente.

Madureira atribui tantos anos de parceria e o sucesso alcançado, à relação uns com os outros. Apesar de afirmar que desentendimentos são normais

entre eles, mas superam juntos, pois se consideram uma família e se orgulham disso. “A harmonia, o companheirismo, lealdade, sinceridade entre a gente é a melhor coisa que tem. É a coisa que mais faz dar certo. [...] Isso não é qualquer lugar que tem”.

Nos 11 anos de apresentações, cortejos, eventos, viagens, o grupo sempre conquistou admiradores por onde passava, mas foi em Presidente Prudente que surgiram grandes amizades. É o caso da relação entre o Rosa dos Ventos e Antônio Elízio Garcia Sobreira, amigo dos meninos desde 2005, quando veio para cidade para o doutorado em Geografia. Desde então, os acompanha por onde consegue e tira fotografias dos espetáculos para o arquivo pessoal do grupo. Colabora também na elaboração de projetos.

Nós fomos tendo afinidades, mas eu não tenho nenhuma vocação artística, mas, eles querem estar juntos comigo porque começamos a elaborar projetos, como o Rua Viva, por exemplo, fui um dos idealizadores. O nome quem deu fui eu, quem sentou e escreveu parte do projeto também fui eu. Então foi havendo uma aproximação, pela competência técnica de escrever projetos e mais a amizade, mais as idéias e tudo. (SOBREIRA, 2010)

Um companheiro de história que também deve ser citado é Luis Paulo Valente, que conhece o grupo desde o início. Ele esteve presente nas primeiras apresentações realizadas pela companhia e até se define como um membro do grupo. Acompanha até hoje os integrantes em parte das viagens, e não polpa elogios ao falar do Rosas.

Uma característica do trabalho que eu admiro é essa de poder estar em qualquer lugar e utilizar da arte para transformar os espaços, resignificar os lugares, as praças, as ruas, esse contato direto com o público, com as pessoas. Isso é uma característica que não é só do Rosa dos Ventos, mas do teatro de rua [...] a coesão entre os membros do grupo atualmente acho que isso é uma força, uma característica importante essa proximidade. O fato de todos compartilharem dos mesmos ideais, dos mesmos valores, há discordâncias, mas não há conflitos. (VALENTE, 2010)

A companhia teatral e circense, além de ser em Presidente Prudente e região, uma das principais na área, também incentiva novos artistas a montar grupos. Fernando Ávila, por exemplo, encaminhou a própria esposa Camila Costa Peralta, a montar sua própria companhia, hoje com o nome “Os Mamatchas”, se apresenta muitas vezes lado a lado da própria companhia Rosa dos Ventos e frisa ter tido o total apoio deles.

5.2 Análise Documental

O grupo Rosa dos Ventos possui um arquivo pessoal com recortes de jornais, periódicos, folders, fotografias, diplomas, mapas, cópias de arquivos online, charges e caricaturas que relatam a trajetória histórica deles.

Ao final de cada ano é confeccionado um mapa com gráficos de cidades que o grupo passou e a quantidade de apresentações. Em 2001, a companhia se apresentou em 19 cidades do estado de São Paulo como Ourinhos, Sorocaba, São José do Rio Preto, Araçatuba, e Presidente Prudente. As cidades que tiveram maior número de apresentações foi Presidente Prudente (49), Barretos (8) e Sorocaba (6), totalizando 83 apresentações em todo o ano.

A edição do jornal Cruzeiro do Sul de Sorocaba do dia 09 de Fevereiro de 2001 deu destaque para o grupo já que eles foram convidados para animar o primeiro dia de aula de alunos do ensino infantil da escola Visconde Porto Seguro de Sorocaba, onde foram promovidos vários eventos de lazer e interação com os estudantes, pais e professores.



FIGURA 15 - Cruzeiro do Sul – 09/02/2001
Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

No mesmo ano de 2001 a companhia teatral e circense continuou a ganhar notoriedade, agora a manchete foi no jornal “Oeste Notícias” do dia 04 de outubro de 2001, a qual registrou uma matéria que teve como notícia “Cia. Rosa dos Ventos realiza espetáculo especial”. A reportagem trazia as performances do grupo em vários locais da cidade em homenagem à Semana da Criança.



FIGURA 16 - Oeste Notícias – 04/10/2001
Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

Logo depois, em uma edição do jornal O Imparcial de 11 de outubro de 2001 abordava a divulgação do projeto “Alegria” onde levavam a cultura para crianças carentes em escolas, creches e praças de algumas cidades e região.



FIGURA 17 - O imparcial – 11/10/2001
Fonte: Arquivo pessoal do Rosa dos Ventos

Outro evento marcante no mesmo ano para a companhia foi a apresentação no Fentepp (Festival de Teatro Nacional de Presidente Prudente), com a peça "Hoje tem espetáculo" no Teatro de Arena da Praça 9 de Julho. O texto ressalta a parceria com a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo para a realização de Oficinas de Circo para crianças e adolescentes. As aulas aconteciam de segunda a quinta-feira na Oficina Cultural Timochenco Wehbi, de Presidente Prudente.

Em 2002, foram percorridas 10 cidades brasileiras. Entre elas, no estado de São Paulo estão: Botucatu, Ilha Solteira, São Paulo e Porto Primavera, chegando a um total de 89 apresentações. Nas horas vagas os integrantes da companhia trabalhavam de "Garoto Propaganda" como mostra a coluna do repórter Sinomar Calmona do Jornal O Imparcial na legenda de uma foto com Fernando Ávila e Tiago Munhoz, os cientistas malucos da Lycra em performance nos corredores do Prudenshopping.



Figura 18 - O Imparcial -
Fonte: Arquivo Pessoal do Rosa dos Ventos

Com mais de 300 apresentações dentre elas 200 em escolas das cidades e região, até 2002, o grupo Rosa dos Ventos ganhou o apoio da Pró-Reitoria de Extensão (Proex) da Unesp. Parte desta história ganhou destaque na edição de outubro de 2002 do Jornal da Unesp devido a sua importância social.

Em 2003, a companhia teve o apoio da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo para desenvolver oficinas de técnicas circenses no Parque Ecológico Cidade da Criança de Presidente Prudente. Somaram um total de 104 apresentações, em 21 cidades brasileiras entre elas Barretos com 21 apresentações, Regente Feijó com 6 espetáculos e, Novo Horizonte, todas Estado de São Paulo.

No ano seguinte, 2004, a companhia continuou a ganhar destaque na mídia impressa pelos trabalhos artísticos e sociais desenvolvidos para a comunidade. Um fato importante que marcou neste ano foi quando o projeto “Alegria” teve aprovação da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo.

O projeto, que consistia em o Rosa dos Ventos disponibilizar 50 apresentações da peça “Hoje tem Espetáculo”, mais as oficinas de circo que ocorreram em espaços alternativos destinados às crianças, jovens e até adultos, foi um convênio firmado entre o Rosa dos Ventos, grupo vinculado à Faculdade de Ciências e Tecnologia (Unesp), e a Secretaria de Estado da Cultura, tendo apoio da Delegacia Regional de Cultura, de Presidente Prudente. Contou com o financiamento do governo estadual e a coordenação e desenvolvimento ficou a cargo da Companhia de Circo e Teatro de Rua Rosa dos Ventos. Fato registrado em entrevista concedida ao Jornal O Imparcial de 26 de junho de 2004.



FIGURA 19 – O Imparcial – 26/06/2010
Fonte: Arquivo Pessoal do Rosa dos Ventos

Em 2004, o grupo Rosa dos Ventos percorreu 18 cidades se apresentando 98 vezes em vários estados brasileiros, cidades essas como Maringá-PR, Adamantina-SP, Cascavel-PR, Santo André-SP e Assis-SP, onde, nesta última, aceitaram o convite do “Plaza Shopping” (Figura 21) para percorrer os corredores do prédio com apresentações circenses que, como conta no Jornal Diário de Assis de 21 de Julho, encantaram pessoas de todas as idades.

No mesmo ano foi realizada a XI Edição do Fentepp que também contou com a apresentação da Companhia Rosa dos Ventos.

A preferência do grupo em se apresentar em bairros carentes onde há pouco acesso à cultura se destaca nitidamente. Mas, o objetivo também da companhia era buscar mais investimentos para a área artística e levar cultura para mais pessoas. O jornal Gazeta de Limeira de 12 e dezembro de 2004 trouxe como manchete “Palhaços utilizam o circo como inclusão em comunidades carentes.”

No mesmo ano a companhia ganhou uma reportagem especial na revista “Poli”, de Presidente Prudente com a manchete “Grupo Rosa dos Ventos dá um soco na tristeza”.



FIGURA 20 - Revista Poli ano 2004
Fonte: Arquivo pessoal do Rosa dos Ventos

Em 2005, estreia o espetáculo “Saltimbembe Mambembancos”. A nova peça, que segundo os próprios integrantes, foi mais bem elaborada e produzida e

teve sua apresentação inédita no Shopping Plaza de Assis, segundo publicado no Jornal de Assis em 21 de Julho.



FIGURA 21 – Jornal de Assis – 21/07/2005

Fonte: Arquivo Pessoal do Rosa dos Ventos

A companhia ganhava cada vez mais destaque no domínio das técnicas circenses em Presidente Prudente e região, onde poucas companhias possuíam a mesma habilidade em misturar o teatro de rua com as técnicas circenses. Foi noticiado no dia 29 de março de 2005 pelo do jornal Oeste Notícias o seguinte texto: “Dizem que o circo está morrendo? Mentira, nem gripado ele está. Ninguém melhor pra falar sobre o assunto do que a companhia Rosa dos Ventos que virou influência regional falando de circo”. Matéria essa em homenagem ao Dia do Circo comemorado no Brasil.



FIGURA 22 - Oeste Notícias – 29/03/2005
Fonte: Arquivo Pessoal da Companhia.

O grupo teatral Rosa dos Ventos em 2005 também resolve encarar um desafio. Com um propósito pessoal de independência o grupo resolveu viajar com o seu próprio veículo de condução, um carro da marca Opala ano 89 em uma saída de aproximadamente 12 mil quilômetros de viagem com destino a Venezuela onde participariam do Fórum Social Mundial. Na edição do jornal O Imparcial de 11 de novembro de 2005 o grupo afirma que seria uma viagem de cunho social e uma excursão aventureira. Antes de partirem, o Rosa dos Ventos se apresentou em semáforos de Prudente, para arrecadar fundos para a viagem.



FIGURA 23 - O Imparcial – 11/11/2005

Fonte: Arquivo Pessoal da Companhia.

O Fentep, reconhecido pelos artistas como um dos festivais de teatro mais importantes da região, teve em sua XII edição em 2005 a apresentação do grupo Rosa dos Ventos no último dia do evento com a peça “Satimbembe Mambembancos”, na Praça 9 de Julho em Presidente Prudente.

Em 2005, a companhia contabilizou 64 apresentações em 21 cidades dentre elas, Junqueirópolis-SP, Piracicaba-SP, Curitiba-PR, Monte Castelo-SP, Marília-SP e Assis-SP. Esta última recebeu 10 apresentações só ficando atrás de Presidente Prudente, com 26.

Em 2006, o grupo Rosa dos Ventos esteve em 30 cidades, entre algumas do estado de São Paulo estão: Presidente Prudente, Assis, São José dos Campos, Marília, Araçatuba, e as paranaenses Cascavel e Maringá. Ao todo durante o ano foram 95 apresentações sendo que Presidente Prudente foi a que mais teve espetáculos da trupe, 33, seguida de Marília com 13. Além das 20 cidades Brasileiras que visitaram na viagem rumo à Venezuela.

Em janeiro, “O Progresso” jornal impresso da cidade de Imperatriz-MA, relatou que o então prefeito Ildon Marques determinou a Fundação Cultural de

Imperatriz a oferecer aos integrantes do grupo hospedagem e alimentação a fim de que eles pudessem chegar até Belém-PA, de onde, iriam até Caracas, na Venezuela.

O Grupo foi destaque do caderno “Alternativo” do jornal impresso “Meio Norte” da cidade de Teresina-PI. A edição do dia 25 de janeiro mostra a passagem do grupo pela cidade onde se apresentaram no dia 24 de janeiro, o espetáculo “Hoje tem Espetáculo”, na Praça Pedro II. O interessante é que o grupo já havia passado por outros estados e Fernando Ávila relata que o repertório técnico foi aumentando. “De cada lugar acrescentamos algo novo ao espetáculo”.

O Jornal Impresso “O Mossoró”, relatou no dia 4 de fevereiro a visita do grupo na cidade de Mossoró-RN onde se apresentaram na rua para arrecadar dinheiro e seguir viagem.

O “Correio da Paraíba”, jornal impresso que percorre o estado da Paraíba fez uma nota da passagem na conhecida “Feirinha de Tambaú” na cidade de João Pessoa-PB. Augusto Magalhães, autor do texto, escreveu que a cidade pode assistir a “uma grande prova de amor ao teatro e às artes circenses”. Ainda ressalta o trabalho social que o grupo realiza com crianças carentes.

Matéria no site da Polícia Militar do Estado de Sergipe no dia 24 de fevereiro, disse que o grupo participou do projeto “Amiguinhos da Polícia”, com brincadeiras e a apresentação da peça “Hoje tem espetáculo”. O texto também relata que uma dentista se empolgou com o grupo e se prontificou a ajudar as crianças carentes oferecendo tratamento dentário.

A edição de 17 de março do “Oeste Notícias”, informa sobre os 76 dias de viagem que o grupo fez por cidades brasileiras. Relatam que saíram no dia 20 de dezembro de 2005 com destino a Caracas, na Venezuela, onde participariam do Fórum Social Mundial. Relato dos integrantes aponta que eles tinham apoio da Secretaria de Cultura de Presidente Prudente e conseguiam dinheiro fazendo apresentações nas ruas dos 14 Estados que passaram. Na experiência, Fernando Ávila afirma que tiveram que se apresentar na cidade de Gurupi-MA em condições precárias. “Fizemos apresentações num circo onde a lona era toda furada. Nos dias de chuva as pessoas iam assistir aos espetáculos com guarda-chuvas.”



FIGURA 24 – Oeste Notícias – 17/03/2006
 Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

As cidades brasileiras que o grupo percorreu foram: São José do Rio Preto-SP, Goiânia-GO, Brasília-DF, São Jorge-Chapada dos Veadeiros-GO, Imperatriz-MA, Belém-PA, Boa Vista do Gurupi-MA, São Luis-MA, Teresina-PI, Piri-piri-PI, Fortaleza-CE, Aracati-CE, Mossoró-RN, Natal-RN, João Pessoa-PB, Recife-PE, Maceió-AL, Aracaju-SE, Salvador-BA e São Thomé das Letras-MG.

O folder com a programação da “Mostra de Teatro” realizado pela Secretaria de Cultura de Presidente Prudente registra a participação do Rosa dos Ventos no espetáculo “Parada de Rua” que consistia em um cortejo musical de pessoas com pernas de pau que apresentavam ao povo nas ruas. O Bicho, que era um personagem do espetáculo, dançava enquanto o público entrava na história.



FIGURA 25 – Folder Mostra de Teatro – 08/2006
Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

O “Caderno 2” do jornal impresso “O Imparcial” registra a “Parada de Rua” na estreia da Mostra de Teatro de Presidente Prudente. E na edição do dia 6 de agosto publicou um artigo escrito pelo professor Mestre Paulo Roberto Brancatti, sobre o exemplo de movimentos do circo como exercícios físicos.

O jornal impresso “Diário de Assis” registrou no dia 16 de agosto, através de fotos e textos, a participação do grupo na Unesp de Assis em alusão as comemorações dos 48 anos da universidade. Houve brincadeiras com crianças de creches e instituições.



FIGURA 26 – Diário de Assis – 16/08/2006
Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

Um ofício timbrado pela Secretaria Estadual de Cultura, Delegacia Regional de Cultura, pela 10ª Região Administrativa, e, assinado por Wilson Portela Rodrigues (Delegado de Cultura), rendeu elogios ao Rosa dos Ventos por ser referência de arte na região e por ter conquistado a empatia da população. O Texto ressalta que as apresentações atraíam em média 500 pessoas, das quais, muitas eram carentes e talvez nunca tivessem contato com a arte.



FIGURA 27 - Ofício da Secretaria de Estado da Cultura
Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

O Rosa dos Ventos foi destaque na capa e no caderno “Cidades” do Jornal “O Imparcial” no dia 3 de agosto com uma foto à esquerda, informando a apresentação do “O Bicho” na peça “Parada de Rua” em Presidente Prudente.



FIGURA 28 – O Imparcial – 03/08/2006
Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

O jornal impresso “O Repórter Regional”, do estado do Paraná registra no dia 15 de novembro a participação do grupo em Sarandi-PR em um evento cultural.



FIGURA 29 – O Repórter Regional – 15/11/2006
Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

Em 2007, o grupo Rosa dos Ventos esteve em 38 cidades, entre as paulistas estão algumas como: Presidente Prudente, Atibaia, Bauru, Limeira e Cuiabá no Mato Grosso. As cidades em a companhia mais se apresentaram foram: Prudente com 42 participações e Paraguaçu Paulista, 5 vezes.

O jornal “O Imparcial” do dia 20 de março ressaltou a presença de público de 1,5 mil em um final de semana de apresentação do grupo nas praças das cidades de Tarabai, Mirante do Paranapanema e Indiana. Na ocasião o Rosa dos Ventos teve o patrocínio da Organização Social Athia. Somente em Indiana há o registro de público, 400 pessoas.



FIGURA 30 – O Imparcial – 20/03/2007
Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

O site www.cultura.sp.gov.br da secretaria de Estado da Cultura postou uma matéria sobre o evento “Teatro Agosto” que aconteceria na cidade de Sertãozinho-SP entre os dias 10 e 26 de Agosto de 2007 e teria a participação do grupo Rosa dos Ventos.



FIGURA 31 – Festival de Inverno de Atibaia
Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

O jornal “O Momento” da cidade de Taquarituba-SP noticiou no dia 10 de outubro a participação do grupo no projeto do Fundo Social de Solidariedade denominado “Tarde da Criança Feliz”. O evento aconteceu na Praça São Roque da cidade.



FIGURA 32 – O Momento – 10/10/2007
Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

O “Aspen Park Shopping Center Maringá” apresentou em um panfleto a programação com a participação do Rosa dos Ventos entre os dias 13 e 17 de outubro.



FIGURA 33 – Aspen Park Shopping Center Maringá – 10/2007

Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

O jornal impresso “Folha do Estado” da cidade de Cuiabá-MT registrou no dia 28 de novembro o começo do evento “24 horas de Cultura na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)”, que consiste em durante 24 horas a comunidade universitária e externa participarem de ações artístico-culturais de todos os gêneros. O Rosa dos Ventos participou com uma oficina com o tema “Capacitação de Circo Teatro” ministrado no dia da publicação.



FIGURA 34 – Folha do Estado – 28/11/2007

Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

No dia 29 de novembro “A Gazeta”, jornal impresso de Cuiabá-MT registrou a presença do Rosa dos Ventos na oficina ministrada no “24 horas de Cultura na UFMT”.



FIGURA 35 – A Gazeta – 29/11/2007
Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

Em 2008, o Rosa dos Ventos percorreu 27 cidades entres os estados de São Paulo e Paraná. Entre as paulistas estão algumas como: Presidente Prudente, São José dos Campos, São Paulo, São José do Rio Preto, Votuporanga, entre as do estado do Paraná estão Londrina, Maringá e Tamarana. No ano, foram totalizadas 54 apresentações e as duas cidades que mais receberam a trupe foram Presidente Prudente com 14 apresentações e Londrina com 5.

O jornal impresso “O Imparcial” informa na edição do dia 2 de fevereiro a inclusão do Rosa dos Ventos entre os sete selecionados do Estado de São Paulo para o III Festival de Teatro de Campo Limpo. Em entrevista, Tiago Munhoz relata o evento como marco na história do grupo.

O “Diário da Região”, de São José do Rio Preto redigiu uma matéria divulgando as atrações desenvolvias na cidade em comemoração ao aniversário de emancipação. Uma foto do espetáculo “Saltimbembe” está em destaque como um dos principais grupos a se apresentarem no dia 22 de março.



FIGURA 36 – Diário da Região – 22/03/2008
 Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

Os jornais impressos de Presidente Prudente “Oeste Notícias” e o “O Imparcial” registram no dia 27 de março a participação do Rosa dos Ventos comemorando o Dia Internacional do Circo e do Teatro com apresentações na Praça 9 de Julho.



FIGURA 37 – O Imparcial – 27/03/2008
 Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos



FIGURA 38 – Oeste Notícias - 27/03/2008
Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

O caderno “Mais” do jornal impresso “A Cidade” de Votuporanga noticiou a participação exclusiva do grupo na Concha Acústica “Geraldo Alves Machado” no dia 18 de agosto. O jornal exhibe uma foto em meia página de Fernando Munhoz em apresentação e outras fotos menores dos demais integrantes do grupo em apresentação pelo Brasil. O texto faz um breve relato da história do Rosa dos Ventos e do espetáculo. O interessante desta matéria é a antecedência da publicação em relação ao dia do evento e a atenção dada ao grupo como sendo expressivo e aguardado pela população.



FIGURA 39 - A Cidade – 18/08/2008
Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

O jornal de Presidente Prudente “Oeste Notícias” noticiou no dia 11 de novembro com texto e uma foto, o projeto do Clube do Meio Artístico, evento que aconteceria nos dias 13 a 16 do mesmo mês com apoio da Secretaria Municipal de Cultura.



FIGURA 40 - Oeste Notícias – 11/11/2008
Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

O jornal impresso “O Diário do Norte do Paraná”, edição do dia 15 de novembro, publicou uma matéria divulgando a presença do Rosa dos Ventos no “Festival de Teatro Infantil de Maringá”.



FIGURA 41 - O Diário do Norte do Paraná – 15/11/2008
Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

A “Folha de Londrina” registrou no dia 9 de dezembro o início do 5º Festival do Circo de Londrina-PR que aconteceu entre 10 e 14 do mesmo mês. O Rosa dos Ventos é citado na programação do dia 13 como participação de um cortejo com mais os grupos Circo Tereré (Argentina) e Troupe Luz da Luz (Foz do Iguaçu).



FIGURA 42 - Folha de Londrina – 09/12/2008
 Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

Em 2009, o Rosa dos Ventos se apresentou em 34 cidades entre os estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Entre os municípios visitados no Estado de São Paulo estão: Avaré, Santos, São Paulo, Piracicaba, Americana, Catanduva e São José do Rio Preto. Iguatemi, Maringá e Curitiba no Paraná e Florianópolis em Santa Catarina. Os que mais receberam o grupo foram Presidente Prudente com 20 participações, Florianópolis com 6, e Curitiba com 5.

O jornal “O Imparcial” registrou no dia 24 de março uma matéria informando a participação do Rosa dos Ventos em festivais nas cidades de Curitiba e Limeira. O interessante no texto é que a jornalista Aline Martins ressalta que o grupo estava prestes a completar 10 anos de existência no dia 29 de março. Para comemorar o grupo realizaria participações gratuitas na cidade. Os integrantes fizeram um balanço de todos os anos e relataram um pouco da história do grupo. Fernando Ávila disse na entrevista que já havia passado por 15 estados, realizando mais de 800 espetáculos para cerca de 220 mil pessoas. “Em 2008, estivemos em 53 cidades”. Na ocasião, Ávila tinha planos de realizar uma exposição fotográfica (Objetivo deste trabalho de TCC) e um jornal com artigos e depoimentos de pessoas falando de teatro e do grupo. “A intenção é que uma exposição com fotos de apresentações e da trajetória do Rosa dos Ventos nos acompanhe nesses lugares. Acredito que estamos no rumo certo, mas queremos atingir objetivos maiores. Temos reconhecimento pela classe artística, no entanto, a intenção é entrar para o cenário

nacional da arte e cultura, sempre com trabalho de qualidade”, Fernando Ávila (2009).



FIGURA 43 - O Imparcial – 24/03/2009
Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

O jornal impresso “Bom Dia”, da cidade de São José do Rio Preto-SP, registrou no dia 29 de maio a participação do grupo no Sesc.



FIGURA 44 – Bom Dia – 29/05/2009
Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

O jornal impresso “Diário” da cidade de Mirandópolis (SP) publicou no dia 6 de novembro a participação do grupo Circuito Cultural Paulista. O jornal ressaltou que era a primeira vez que eles se apresentariam na cidade.



FIGURA 45 – Diário – 06/11/2009
Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

O “Jornal de Piracicaba” cita no dia 18 de novembro que o Rosa dos Ventos é a atração na “Quarta Cênica” no Sesc da cidade.



FIGURA 46 – Jornal de Piracicaba – 18/11/2009
Fonte: Arquivo pessoal Rosa dos Ventos

Para o ano de 2010 ainda não foi produzido um mapa das cidades e número de apresentações que fizeram até julho de 2010.

A publicação existente no arquivo pessoal do grupo é:

O jornal impresso “Oeste Notícias”, no dia 06 de fevereiro publicou uma foto do grupo Rosa dos Ventos em uma campanha de publicidade de liquidação de mercadorias de um shopping.



FIGURA 47 – Oeste Notícias – 06/02/2010
Fonte: Arquivo Pessoal do Rosa dos Ventos

6 EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA

A peça prática do presente trabalho é a exposição fotográfica que abriu ao público a trajetória da companhia teatral e circense de Presidente Prudente Rosa dos Ventos de forma que, somado a importância do fotojornalismo, o documento se torna um documento de pesquisa e relato histórico. Para a composição deste item no TCC, além da pesquisa bibliográfica, foram utilizadas as entrevistas concedidas pelo Dr. em Comunicação Visual Paulo Boni e a Curadora de Exposições Maria do Carmo Malacrida.

Para a realização da peça prática foram obrigatoriamente seguidos alguns quesitos primordiais de organização para eventos deste sênto que segundo Boni (2010), os quatro principais critérios são: “definir se a exposição será individual ou coletiva, definir os recortes de tempo, espaço e veículo, definir o local de exposição, e nomear um curador para a escolha e edição das fotografias”.

O nome da exposição “As 11 Faces do Rosa dos Ventos” se refere a todos os personagens encenados pela companhia nesses 11 anos de existência, e a cada espetáculo uma nova face era apresentada ao público.

De acordo com Malacrida (2010), a produção das fotografias é uma das etapas principais de uma exposição fotográfica e a organização do material, a ser apresentado ao público, deve ser de acordo com a intenção dos curadores.

Malacrida (2010), para a organização da exposição é preciso pensar qual o principal objetivo da divulgação do trabalho, o que quer ser mostrado, comercializado ou conscientizado. Pensar em um local adequado para a divulgação.

Os estudiosos desde trabalho, junto com a orientadora, desenvolveram o papel de curadores, que conforme Malacrida (2010), são os responsáveis por fazer a seleção de todo material, organizá-lo na forma que será exposto e como será montada a exposição. Com a intenção de preservar o trabalho que o grupo teatral e circense realizou em todos esses anos, a exposição teve a finalidade de se tornar documento histórico de memória sobre a trupe.

De acordo com o escritor Boni (2010), as fotografias expostas são recortes congelados da memória da sociedade e a exposição é outro fragmento da memória. No presente ela será notícia e no futuro será documento. Portanto, documentar as exposições é fundamental para a preservação da memória da

sociedade, dos fotógrafos, dos veículos de comunicação, do próprio local que cedeu suas instalações para a exposição.

Um ato comum em exposições e amostras fotográficas são os coquetéis de abertura ou encerramento do trabalho exposto, porém, segundo Paulo Boni (2010), não se pode atribuir pontos positivos ou negativos avaliando estes detalhes, mas sim, pela qualidade apresentada do denso conteúdo. Portanto, pode haver a união da qualidade com a apresentação. No lançamento da peça prática deste trabalho o grupo Rosa dos Ventos se apresentou para o público presente e para os usuários do shopping onde estavam expostas as fotografias.

A exposição da trajetória dos 11 anos do Rosa dos Ventos foi divulgada, após envio de *releases*, espontaneamente por mídias de Presidente Prudente, como os jornais impressos, Oeste Notícias e, O Imparcial, pelos sites da Unoeste, TV Facopp e Portal do Ruas e Grupo Notícias que passaram a mensagem que a pesquisa teve, desde o início, tornar público os 11 anos da trupe e mostrar o quanto eles contribuem culturalmente e socialmente na população.

Os registros iniciam-se no momento em que as idéias começam a ser colocadas no papel. Desde as primeiras propostas até os resultados finais, como publicações ou mesmo notas em reportagens veiculadas na imprensa, em jornais e revista, são documentos aptos para comporem os registros do evento e traçarem sua história (CAMARGO, 1997 p.104)

6.1 Edição

Para a exposição fotográfica foram analisadas aproximadamente três mil imagens das quais foram editadas e escolhidas cinquenta para serem expostas. Diante da quantidade de imagens do acervo fotográfico da trupe, algumas fotografias, analisadas pelos curadores, não puderam ser utilizadas devido a ruídos como ausência de foco e composições que prejudicavam a informação.

O editor tem poder de vetar uma excelente foto, em todos os aspectos do técnico ao jornalístico, caso considere que ela fira a linha editorial ou os interesses comerciais do jornal. Também pode selecionar uma foto que não esteja tecnicamente perfeita por entender que seja ela a que melhor retrata, em termos de informação jornalística, o assunto pautado. (BONI, 2000, p.280)

Na presente peça prática foi preciso deixar de lado modismo e as tendências fotográficas já que foi necessário analisar os documentos pessoais do grupo que foram arquivados desde o início do grupo Rosa dos Ventos. Algumas fotos tiveram que ser tratadas com programas especiais de edição para poderem ser impressas no formato fototela. No entanto, cada foto que os pesquisadores tiveram contato foi fundamental para fortalecer o foco na recuperação histórica de trabalho da companhia.

Edição não é beleza, é comunicação. Um bom diretor de arte precisa saber quem é seu leitor e o que é preciso ser comunicado. Não pode ficar preocupado com o estilo ou tipo de ilustração e fotografia que estão na moda. Só porque esses estilos funcionam para outras publicações, ou ganharam prêmios, não significa que são adequados [...] (ALI, 2009 p.170)

O critério de escolha das 50 fotografias que foram expostas na peça teve como base a linguagem fotográfica e importância que a imagem representava no contexto histórico. Para isso, o integrante Gustavo Sawada foi escolhido pelos integrantes como editor fotográfico.

De acordo com Teixeira (2010), nem todo fotógrafo sabe editar o seu material, por isso, os editores selecionam aquilo que o fotógrafo tem de melhor para ser apresentado. O tema tem que ter sequência de informação somando aos outros itens de planejamento e assim poder chegar a um ótimo resultado.

Desde o início a ideia principal com a exposição “As 11 faces do Rosa dos Ventos” foi a de tornar público o trabalho de expansão cultural que o grupo transmite para a sociedade, e em cada fotografia, transmitir a beleza dos espetáculos, movimentos e o que cada imagem representava nesta trajetória. No processo de edição do material este foco foi levado em consideração a cada imagem.

Segundo Paulo Boni (2010), o fotojornalismo é um tema amplo e quase nunca tem problemas de definição e edição. Nestas circunstâncias, passa a ser importante definir alguns critérios, algo como a importância ou a repercussão de determinadas fotografias na sociedade; ou a composição e plasticidade das fotografias; ou o flagrante. São muitas possibilidades, mas os curadores costumam selecionar as fotografias por importância e repercussão.

Entre as imagens editadas os curadores da exposição incluíram fotografias de *portraits* para que os visitantes do evento pudessem entender um

pouco mais sobre cada integrante da companhia. As imagens foram realizadas ressaltando a personalidade e a fantasia utilizada por cada componente da trupe.

O retrato, na imprensa atual, [...] deve ser funcional, ou seja, dar uma informação sobre a personalidade da pessoa, apreendida numa situação e num momento onde seu caráter se exprime melhor. Esse gênero apareceu na imprensa americana, em 1860, com um retrato de Lincoln, ainda preso às normas do retrato pictorial. (FARIA; ZANCHETTA, p.96-97)

Os retratos feitos em estúdios para captar melhor as feições dos personagens é uma prática conhecida e antiga no fotojornalismo.

Mas é comum a publicação de imagens declaradas como cópias de fotografias, nas quais o que vemos é, na verdade uma imagem que denominaríamos de híbridas [...]. Um híbrido é originário do cruzamento, da mistura de espécies diferentes [...] mesclando imagens de diversas fontes, entre as quais estava a fotografia, e adicionando outros elementos ainda. (ANDRADE, 2004, p. 63)

A peça prática deste trabalho produziu peças em estúdio com o objetivo de mostrar de forma mais detalhada os movimentos e expressões do Rosa dos Ventos que podem ser observadas em algumas fotografias a seguir que estão na sequência dos critérios utilizados pela Linguagem Fotográfica.

Plano de tomada



FIGURA 48 – A Companhia Rosa dos Ventos surgiu de um projeto de extensão pela Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (Unesp) em abril de 1999, intitulado projeto “Alegria”. O objetivo do trabalho era percorrer escolas, vestidos de palhaços apresentando cantigas e brincadeiras de roda.

Fonte: Arquivo pessoal do Rosa dos Ventos

Grande plano geral



FIGURA 49 - Na estreia do espetáculo “Saltibembes Mambembancos”, no Prudenshopping, em maio de 2005, Tiago e Felipe utilizam a técnica do monociclo.
Fonte: Arquivo pessoal do Rosa dos Ventos

Plano geral



FIGURA 50 - Grupo encenando no calçadão de Presidente Prudente, umas das únicas apresentações da peça “O Bicho”.

Fonte: Arquivo pessoal do Rosa dos Ventos



FIGURA 51 - A primeira peça da Companhia foi montada em 2001, com o nome “Hoje tem Espetáculo”, onde já começaram a acrescentar cenas teatrais.
Fonte: Arquivo pessoal do Rosa dos Ventos



FIGURA 52 - Em meio à platéia, Tiago Munhoz apresentando “Saltimbembe Mambembancos”, no Sesc Thermas em Presidente Prudente.
Fonte: Gustavo Sawada



FIGURA 53 - De cara limpa, agora os integrantes em momento de descontração em um barzinho, em Parati, Rio de Janeiro.

Fonte: Arquivo pessoal do Rosa dos Ventos



FIGURA 54 - Rosa dos Ventos entre amigos, em pedágio na cidade de São José do Rio Preto, rumo ao fórum social mundial, que aconteceria na Venezuela.
Fonte: Arquivo pessoal do Rosa dos Ventos



FIGURA 55 - O semáforo, muitas vezes, é palco da companhia. O dinheiro arrecadado contribui com o orçamento para cobrir despesas de viagens e elaboração de novos espetáculos.
Fonte: Arquivo pessoal do Rosa dos Ventos



FIGURA 56 - "Vivemos entre tapas e beijos, mas nos tornamos uma família", diz Gabriel Mungo. O companheirismo da trupe se destaca das demais companhias de teatro, onde a união faz a força.
Fonte: Valmir Custódio

Plano americano



FIGURA 57 - Projeto Prudente em Cena, desenvolvido junto à Secretaria Estadual de Cultura, com o apoio de outras companhias de teatro levam a cultura aos lugares menos favorecidos como no bairro Morada do Sol, na cidade de Presidente Prudente.
Fonte: Valmir Custódio



FIGURA 58 - Tiago Munhoz é um dos fundadores da companhia e interpreta o papel do palhaço Cústipil de Pinótil, nome que veio de um apelido de infância.

Fonte: Gustavo Sawada



FIGURA 59 - Segundo Fernando Ávila, uma infância rica em brincadeiras prepara pessoas mais criativas, capazes de se adaptar às situações complexas da vida adulta.
Fonte: Gustavo Sawada



FIGURA 60 - Pode até parecer clichê, pois quem espera sempre alcança. Felipe Madureira estava a passeio no Prudenshopping a procura de amigos, e teve a oportunidade, por acaso, de conhecer o Rosa dos Ventos, que se tornou sua nova família.
Fonte: Gustavo Sawada



FIGURA 61 - Preparação para os espetáculos é feito lado a lado do público, pois a interatividade é a meta do Rosa dos Ventos.
Fonte: Gustavo Sawada



FIGURA 62 - A Companhia Rosa dos Ventos se tornou referência em Prudente e região, devido ao aspecto do teatro que produz: o de disseminador da cultura, aliando projetos sociais com o objetivo final da inclusão social.
Fonte: Valmir Custódio



FIGURA 63 - Felipe Madureira ingressou na companhia em 2004, começou fazendo a sonoplastia do grupo e foi em 2005 que assumiu o personagem Madureira, no espetáculo “Saltimbembe Mambembancos”.

Fonte: Gustavo Sawada



FIGURA 64 - Projeto Aquarela leva cultura à periferia de Presidente Prudente. Felipe Madureira brinca com as crianças como forma de inclusão social.
Fonte: Valmir Custódio



FIGURA 65 - A Companhia Rosa dos Ventos se diferencia dos outros grupos teatrais, pois mistura teatro com características e técnicas do circo e é desenvolvido nas ruas, com o envolvimento do público. Espetáculo apresentado na Praça 09 de Julho.

Fonte: Gustavo Sawada

Primeiro plano (close-up)



FIGURA 66 - A alegria de fazer o que gosta nota-se facilmente nas expressões de cada integrante do grupo, é o caso de Fernando Ávila em emoção retratada.

Fonte: Arquivo pessoal do Rosa dos Ventos



FIGURA 67 - A Companhia Rosa dos Ventos ganhou notoriedade em todo esse tempo de história, já percorreu o total de 15 estados brasileiros passando por 200 cidades.
Fonte: Gustavo Sawada



FIGURA 68 - Segundo Tiago Munhoz, a perspectiva é sempre alcançar novos lugares, viajar, conhecer pessoas diferentes e trocar idéias, para o aprimoramento e a busca de novos projetos, para assim a companhia deixar de ser mais um movimento e se tornar um patrimônio para nossa cidade.
Fonte: Gustavo Sawada



FIGURA 69 - O sorriso é instrumento primordial para o bem-estar. E para os membros da companhia teatral e circense, isso é o que não falta. O que falta é o reconhecimento por parte de líderes em relação à cultura no Brasil.
Fonte: Gustavo Sawada



FIGURA 70 - Projeto Aquarela, desenvolvido na Cidade da Criança, onde a Companhia Rosa dos Ventos ensina técnicas de circo, malabaris , perna de pau para crianças e jovens. O projeto tem apoio do Governo do Estado de São Paulo e desde 2007 atende mais de 50 crianças por ano.
Fonte: Valmir Custódio

Plano de detalhe



FIGURA 71 - Com olhar crítico Fernando Ávila se preocupa com o futuro da companhia, por conta da estabilidade do ramo artístico.
Fonte: Valmir Custódio



FIGURA 72 - Cada detalhe compõe a atenção que o público deposita nas apresentações do grupo Rosa dos Ventos.
Fonte: Valmir Custódio



FIGURA 73 - Fernando Ávila, uns dos fundadores do grupo, já tinha experiência na área teatral, pois participava de uma companhia de teatro na sua cidade natal, Barretos. O nome de seu personagem é dez pra sete, devido ao horário que acostumava acordar todos os demais integrantes.
Fonte: Valmir Custódio



FIGURA 74 - As muitas viagens pelo Brasil e contato com outras companhias fizeram com que o Rosa dos Ventos aperfeiçoasse as técnicas circenses e incorporaram no repertório novas brincadeiras.
Fonte: Gustavo Sawada

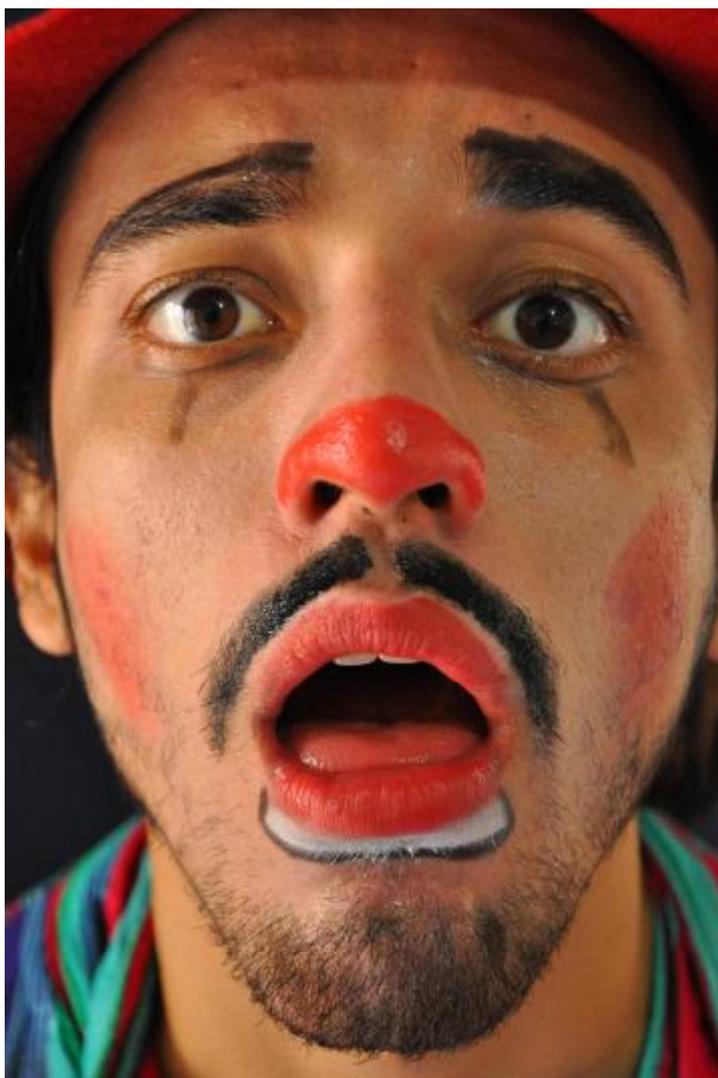


FIGURA 75 - Gabriel Mungo afirma, que todo trabalho da companhia é uma realização constante, e o melhor momento sempre é o atual, a busca por novos parceiros, as realizações e conquistas alcançadas, isso demonstra toda credibilidade que a companhia conquistou.
Fonte: Valmir Custódio

Composição



FIGURA 76 - A maquiagem é ferramenta de trabalho principal da companhia. É com a ajuda dela que se dá o primeiro passo para a transformação do personagem.
Fonte: Gustavo Sawada



FIGURA 77 - A Companhia Rosa dos Ventos não se preocupa somente com a imagem e construção do artista de circo, mas sim, com ações que proporcionam à sociedade o bem-estar e visa à melhoria na qualidade de vida.

Fonte: Gustavo Sawada



FIGURA 78 - Seguir em todas as direções e aos quatro cantos do mundo, esse é o significado do símbolo da Rosa dos Ventos, que está em sintonia com a proposta da companhia: democratizar o teatro e ir além dos limites físicos dos palcos.
Fonte: Gustavo Sawada



FIGURA 79 - O motivo do sucesso do Rosa dos Ventos é considerar o público os personagens coadjuvantes de seus próprios espetáculos, onde não há protagonistas.
Fonte: Gustavo Sawada



FIGURA 80 - Exaustão aliada à satisfação em fazer rir, arrancar suspiros, lágrimas, gargalhadas e ganhar a admiração de todos é a maior riqueza conquistada até hoje pela Companhia Rosa dos Ventos.

Fonte: Gustavo Sawada



FIGURA 81 - Preservar a cultura é desejo não somente dos Rosa dos Ventos, mas sim, de todos que de alguma forma contribuíram para o desempenho da transmissão cultural, e que já se tornaram guardiões das mais diferentes manifestações artísticas.
Fonte: Gustavo Sawada



FIGURA 82 - Confiança é o que sustenta a base das acrobacias realizadas nos espetáculos da trupe, já que muitos exercícios um depende do outro.
Fonte: Gustavo Sawada



FIGURA 83 - Estão felizes, já se tornaram exemplo para novas companhias e no momento buscam novos horizontes.
Fonte: Gustavo Sawada

Regra dos terços



FIGURA 84 - Estreia do Espetáculo “Saltimbembes Mambembancos” no Prudenshopping, em 2005. Foram apresentados números de variedades de circo e a proposta do espetáculo era a participação do público
Fonte: Arquivo pessoal do Rosa dos Ventos



FIGURA 85 - Todo manifesto de lazer proporcionado à sociedade se destaca numa melhor qualidade de vida, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Fonte: Arquivo pessoal do Rosa dos Ventos

Perspectiva



FIGURA 86 - O grupo rumo à Venezuela, em 2005. Percorreram mais de 12 mil km com seu antigo opala ano 89. Mas foram surpreendidos e furtados no meio do caminho e tiveram seus passaportes roubados e foram impedindo de chegar ao destino principal.

Fonte: Arquivo pessoal do Rosa dos Ventos



FIGURA 87 - Gabriel Mungo iniciou na companhia com apenas 12 anos, em 2001. O nome do seu personagem é Beterraba, nome esse, dado pelos demais integrantes. Segundo ele, sempre se interessou pelo circo e não vê outra opção profissional para sua vida, somente a de trabalhar com circo e ser um palhaço.
Fonte: Arquivo pessoal do Rosa dos Ventos



FIGURA 88 - Em cortejo no bairro Morada do Sol, os músicos são de grande importância para uma maior interação com o público.
Fonte: Valmir Custódio

Foco seletivo

FIGURA 89 - O palhaço não é um personagem, é uma pessoa normal. Cada um de nós tem um palhaço dentro de si, cabe a você, desenvolvê-lo (BOLOGNESI, 2007, p.113)

Fonte: Valmir Custódio

Ponglé (mergulho)



FIGURA 90 - Para o grupo Rosa dos Ventos cada ano é como se fosse um degrau na carreira profissional, existem muitos obstáculos, mas se orgulham de estar há 11 anos vivendo de arte e cultura.

Fonte: Gustavo Sawada

Contra plongé (Contra mergulho)



FIGURA 91 - Segundo Fernando Ávila, a maior satisfação em um espetáculo é ver a reação do público, o impacto causado pelas cenas apresentadas. É por isso que o grupo tem ensaiado constantemente, para cada vez mais se aperfeiçoar e mostrar novas tendências de circo ao público.
Fonte: Valmir Custódio



FIGURA 92 - Em espetáculo na Praça 9 de Julho em 2010, com pernas de pau, a companhia engrandece ainda mais seus espetáculos.

Fonte: Arquivo pessoal do Rosa dos Ventos



FIGURA 93 - Felipe Madureira, equilíbrio em dose dupla no momento da prática do malabarismo.

Fonte: Gustavo Sawada

Movimento



FIGURA 94 - Cena do último espetáculo do grupo “A Farsa do Advogado Pathelin”, que conta a história de um advogado que em uma crise econômica, tenta dar o golpe em Guilherme Còvado.
Fonte: Gustavo Sawada



FIGURA 95 - Explosão de talento, o grupo Rosa dos Ventos esbanja em suas apresentações.

Fonte: Arquivo pessoal do Rosa dos Ventos



FIGURA 96 - Técnicas de Circo: em novembro de 2005, Gabriel Mungo apresenta técnica circense com show de pirofagia.
Fonte: Arquivo pessoal do Rosa dos Ventos



FIGURA 97 - A relação entre os integrantes do grupo sustenta o equilíbrio e o companheirismo visto nas apresentações, a união, os faz um grupo com mais força.
Fonte: Gustavo Sawada

7 MEMORIAL DESCRITIVO

Este capítulo relata todo o processo e as etapas abordadas para a construção da peça prática deste Trabalho de Conclusão de Curso, que se apresenta pela Exposição Fotográfica.

O tema foi escolhido pela integrante do grupo Nathália Regina de Oliveira Silva, que sempre se interessou pela área cultural e buscava desenvolver um trabalho com base no Jornalismo Cultural. Como já conhecia o trabalho desenvolvido pela Companhia Rosa dos Ventos e parte da sua trajetória, esse foi o primeiro passo para definir o objeto de estudo. Depois surgiram mais ideias relacionadas à área. Com o apoio do estudante Douglas Lopes mais a entrada dos integrantes, Gustavo Sawada e Valmir Custódio, ambos com afinidades na área de fotojornalismo, o grupo chegou a definição da peça prática. O objetivo era unir os temas que mais agradavam a todos: o teatro e a fotografia.

Outro fator importante que ajudou na escolha do objeto de estudo foi que o Rosa dos Ventos completou 11 anos de existência em 2010 com trabalhos significativos na área cultural e social de Presidente Prudente e região, porém, não tinham esses fatos relatados em documento permanente.

O grupo de TCC teve conhecimento do arquivo pessoal de periódicos, fotografias, diplomas, folders, fotocópias de arquivos online, charges, dentre outras, que registram a trajetória da companhia desde o seu surgimento.

A partir do momento que se definiu que o objeto de estudo seria o Rosa dos Ventos e a peça prática a exposição fotográfica, o grupo de TCC passou por algumas etapas até a execução do registro fotográfico nos conceitos do Fotojornalismo. A definição do título que inicialmente foi, Resgate histórico dos 11 anos do grupo teatral e circense da região de Presidente Prudente. Transformou-se, com o auxílio da professora orientadora e Ms. Cássia Popolin, para “Recuperação histórica dos 11 anos do Rosa dos Ventos em uma exposição fotográfica.”

Para o começo da pesquisa, primeiramente foi apresentado a ideia ao Rosa dos Ventos. Depois o grupo de TCC teve contato com o arquivo pessoal do grupo de teatro e posteriormente os alunos de jornalismo passaram a acompanhar os trabalhos realizados pela trupe nos projetos sociais.

A primeira visita ao grupo Rosa dos Ventos aconteceu no dia 24 de Março de 2010. Os alunos Douglas Lopez e Nathália Regina foram até a Federação de Teatro de Presidente Prudente, localizada ao lado do centro Cultural Matarazzo, na Vila Marcondes em Prudente, onde ocorria um ensaio aberto com outras companhias teatrais. Ao chegar, os integrantes do Rosa dos Ventos discutiram sobre os projetos que eles estavam desenvolvendo em busca de incentivo e patrocínio. Neste dia, também foi recolhido o HD (Hard Disk) externo do Felipe Madureira e também o montante de documentos impressos onde se encontravam todas as fotografias dos arquivos pessoais da Companhia relatando momentos da trajetória do grupo de teatro nas viagens e apresentações.

No dia 27 de março de 2010, Dia Mundial do Teatro, a Companhia Rosa dos Ventos iria se apresentar em um cortejo no bairro Morada do Sol, mas o evento foi adiado devido ao tempo de chuva que se encontrava. No mesmo dia, em comemoração a data, outras companhias de teatro da cidade se apresentaram em pequenas peças e monólogos no Centro Cultural Matarazzo. Foi após a peça “Uma história de Borboletas” interpretada por Caio Aguiar que o ator disse que “hoje na região a maior referência de teatro na verdade não é teatro, é circo”, em alusão ao Rosa dos Ventos.

No dia 2 de abril de 2010, após a encenação da “Paixão de Cristo” também no Centro Cultural Matarazzo, em conversa com Celso Aguiar, ator da peça e produtor cultural pela Secretaria Municipal de Cultura, disse que “a referência de teatro de rua se tratava da Companhia Rosa dos Ventos, que se tornou uma das influências em circo teatro em Prudente e região.”

Em visita ao Projeto Aquarela no dia 29 de março de 2010, os integrantes do grupo de TCC puderam observar as aulas de circo e oficinas de malabaris, perna de pau, ministradas pelo Rosa dos Ventos. Patrocinado pela Secretaria da Cultura de Estado, as aulas eram feitas todas as terças e quintas das 13h30 às 15h30 no Parque Ecológico Cidade da Criança. Nesse contato, o grupo de TCC pode perceber o papel social que a Companhia Rosa dos Ventos desenvolve em Presidente Prudente, contribuindo para construção moral de jovens adolescentes que buscam ocupar o seu tempo em aprendizagem, como técnicas do circo ao invés de ficarem na rua.

No dia 10 de abril de 2010, o grupo de TCC acompanhou e registrou em fotografias pelo pesquisadores Valmir Custódio e Gustavo Sawada, as ações

desenvolvidas no Projeto Prudente em Cena, que consiste na reunião de várias companhias teatrais da cidade, levando entretenimento e cultura para os mais desprovidos de atividades sociais. O evento ocorre nos bairros Morada do Sol e Residencial Francisco Belo Galindo. Buscou-se neste encontro observar e retratar a relação que a Companhia tem com essas comunidades. Os gestos, movimentos e a alegria estampada nos rostos das crianças, que na maioria nunca presenciaram um espetáculo circense, traz subsídios para a certeza que um bom trabalho é realizado. Fruto de muita dedicação e determinação.

Em 4 de junho de 2010, a apresentação do Espetáculo “Satimbembe Mambembancos” na Praça 9 de Julho em Presidente Prudente foi registrada em fotografias pelo integrante Gustavo Sawada. Além das fotografias, o espetáculo foi registrado em vídeo a pedido do próprio grupo que gostaria de ter um registro em movimento. Em conversa com a professora doutoranda Thaisa Salum Bacco, ela disse que a gravação poderia ser realizada e que não via um desvio de finalidade, muito pelo contrário, poderia haver até uma finalidade maior como, um vídeo institucional que poderia ser abertura da exposição. No dia foi possível registrar depoimentos dos espectadores como de pessoas influentes na cultura em Prudente e observar as reações do público.

No dia 9 de agosto o grupo Rosa dos Ventos esteve presente pela tarde no estúdio de fotografia da Facopp – Unoeste para que fosse produzido um ensaio fotográfico dos artistas se maquiando e trocando de roupas. Além de posições que fazem parte das acrobacias da trupe. O pedido de produção foi feito pela professora Cássia Popolin e Douglas Lopes e registrado por Gustavo Sawada com auxílio do funcionário da instituição e também fotógrafo Jorge Aparecido as Silva Souza.

Em 17 de setembro de 2010, foi marcado um encontro para que fosse feita a entrevista de perfil com cada integrante do Rosa dos Ventos com o objetivo de obter mais informações complementares sobre o convívio entre eles. A escolha do local foi pensada de forma que as interferências exteriores fossem reduzidas ao máximo. Como o Rosa dos Ventos estava no próprio ambiente de trabalho, pode-se notar que a descontração ajudou na fluência dos relatos. Foram registrados curiosidades, desafios vividos, momentos bons e ruins e fragmentos da história.

Na orientação ocorrida no dia 20 de setembro foi definida que a exposição teria 50 fotos em modelo fototela.

No dia 1º de outubro, o Rosa dos Ventos retornou ao Estúdio de Fotografia da Facopp, para mais uma sessão de fotos. Desta vez, com outras fantasias. O pedido de produção foi feito pela professora Cássia Popolin e registrado por Gustavo Sawada com auxílio do funcionário da instituição e também fotógrafo Jorge Flash.

Desde o dia 24 de março 2010, de posse do arquivo pessoal, os pesquisadores desde TCC analisou cada documento e organizou de forma cronológica.

O grupo de TCC teve reuniões frequentes para a construção dos cortes teóricos. A escolha das fotografias para a exposição levou em conta a história que elas representavam, se estavam dentro de conceitos sobre linguagem fotográfica e fotojornalismo, foi observado a qualidade e tamanho em Pixels das imagens para proporcionar uma impressão melhor nas fototelas, muitas, das quais foram descartadas por estarem muito desfocadas ou sem ângulos definidos.

Ao todo foram registradas pelo grupo aproximadamente 3 mil fotografias, uma média de 300 imagens por saída fotográfica. Os equipamentos utilizados foram: 2 Câmeras Nikon D90, 1 Câmera Nikon D300, Lentes Nikon, 18mm-55mm, VR-18mm-105mm, 18mm-135mm, 70mm-200mm, Flash portátil SB-600, Flash de estúdio Digital Atek 200 e 400 watts, 3 cartões de memória de 2 Gb, 3 computadores portáteis e 3 fixos com programas específicos para armazenagem e edição das fotos.

No dia 4 de outubro o grupo de TCC se reuniu no estúdio fotográfico da Facopp para fazer a foto que seria de divulgação da exposição enviada junto com release para os veículos de comunicação.

No dia de 16 de outubro, os integrantes do TCC estiveram presentes no salão de eventos do Prudente Parque Shopping Americanas, analisando e definindo os últimos detalhes de instalação das fototelas e decoração.

No dia 18 de outubro a exposição foi lançada às 17h com a presença dos integrantes do grupo de TCC, professores, mídias, convidados e familiares. Os participantes puderam ver as fotos, conhecer a história da companhia, participar de um coquetel diferente com algodão doce, pipoca, refrigerantes e uma apresentação do Rosa dos Ventos.

A decoração foi definida de forma que lembrasse o ambiente alegre de um circo. A sala de exposição era limitada por tecidos coloridos, que davam a impressão de lona de circo.

As fototelas ficaram suspensas no teto por condões de Nylon. Foi contratada uma decoradora de festas infantis que criou palhaços de bexigas. O ambiente de inauguração da exposição lembrou uma festa de aniversário, no caso, estava sendo comemorado os 11 anos de contribuição do Rosa dos Ventos para Presidente Prudente. Sobre algumas telas foram fixadas bexigas que davam a impressão de balões grudados no teto com as fotografias.

As pessoas podiam passear por entre as telas e assim conhecer a história da trupe de forma descontraída.

O grupo de TCC teve um problema em relação ao visual das legendas, mas que, por orientação, foi solucionado no dia seguinte.

A exposição permaneceu por sete dias no local e teve um registro, de quem assinou o livro de presença, de aproximadamente 150 pessoas. Em todos os dias e horários de funcionamento os integrantes do TCC se revezavam para esclarecer possíveis dúvidas do público.

No dia 22 de novembro houve a banca de correção com a presença dos professores Ms. Rogério do Amaral e Carolina Mancuzo. Na reunião, os integrantes do grupo de TCC, juntamente com a orientadora Ms. Cássia Popolin, ouviram e acompanharam as sugestões apontadas para a correção do TCC. Entre elas estavam as normatizações, ortografias, além do pedido da inclusão do capítulo Exposição Fotográfica para justificar a peça prática e um de Edição para justificar as fotos produzidas em estúdio. Com um prazo de pouco mais de uma semana para concluir os capítulos e reformular o TCC, o professor Paulo Miguel, com o empréstimo de literaturas e consultas a qualquer momento, foi fundamental para que pudéssemos entregar o trabalho em tempo, já que as nossas orientações eram feitas durante 2 horas nas segundas-feiras em um ano que houve muitos feriados prolongados. Como o professor Paulo Miguel já era conhecido de todos os integrantes, não mediu esforços para nos auxiliar nesta reta final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que o presente trabalho fosse realizado, o questionamento que norteou o levantamento desta pesquisa foi sobre qual a importância da Companhia de Teatro Rosa dos Ventos que em 11 anos de existência contribuiu culturalmente e socialmente para a cidade de Presidente Prudente.

Através de entrevistas, texto, fotos pode-se comprovar que o grupo circense contribuiu com a cultura através de trabalhos junto a outras companhias, em projetos sociais como o “Aquarela” e “Prudente em Cena”, que leva cultura e arte para a comunidade de bairros da periferia da cidade e ensina arte para crianças carentes.

Foi possível analisar através de visitas aos projetos sociais a utilização de técnicas de arte circense no ensino às crianças e adolescentes assistidas como forma de inclusão social.

Pelos documentos observados como: recortes de jornais, textos, fotografias, folders, entre outros, juntados em 11 anos e arquivados pelos integrantes do Rosa dos Ventos, pode ser feita a recuperação histórica da trupe.

Podemos perceber que o cuidado do Rosa dos Ventos em guardar cada publicação que o citava permitiu que esta história fosse relatada também por estes documentos.

Apesar da intenção do Rosa dos Ventos em difundir a cultura e a arte para quem pudesse alcançar, o grupo de TCC pode perceber o esforço contínuo na elaboração de projetos e na grande quantidade de apresentações pelo Brasil para eles que eles possam se manter com a arte. Muitas vezes somente reconhecidos pelos aplausos da população.

A Companhia Rosa dos Ventos e o Trabalho de Conclusão de Curso fizeram refletir sobre o comprometimento do Rosa dos Ventos em popularizar e difundir a cultura para os menos favorecidos, algo que não é visto com frequência por outros grupos de arte.

É imprescindível constatar que este projeto não apenas deu oportunidade para que o grupo de TCC conhecesse as técnicas de Teatro e Fotojornalismo, mas também serviu para divulgar por sete dias o trabalho da

Companhia de Teatro através da exposição fotográfica “11 Faces do Rosa dos Ventos”.

Uma característica do Rosa dos Ventos que marcou o Grupo de TCC e que foi facilmente notada pelo método de observação foi a facilidade que eles tem em atrair o público que se sentiam á vontade onde era criado um grau de intimidade recíproca, porém temporária, que permitia a socialização da arte. Um palhaço por si só já é atrativo, mas, o domínio visível das técnicas facilitava potencialmente o contato da comunidade com a cultura.

Outro fator de grande relevância para a concretização deste trabalho foi o grande número de publicações e fotos em jornais impressos de vários estados brasileiros registrando a passagem do grupo e momentos importantes da história do Rosa dos Ventos. Fato esse que poderia ser mais explorado por outras pesquisas que poderiam estudar e se aprofundar sobre a importância do registro impresso como elemento para construção da história da arte em Presidente Prudente.

Com este trabalho se abrem novas perspectivas de estudo em relação à companhias artísticas, ao fotojornalismo, entre outros segmentos. Este foi apenas um passo para que novas descobertas e pesquisas sejam feitas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

ARTE e resistência na rua. **Revista do Movimento de Teatro de Rua São Paulo**, São Paulo. Ano 1 nº01 p.03 Abr de 2009.

AVANZI, Roger; TAMAOKI, Verônica. **Circo Nerino**. São Paulo: Pindorama Circus, 2004.

ALI, Fátima. **A arte de editar Revistas**. São Paulo: Nacional, 2009.

ÁVILA, Fernando. **Trajetória do Rosa dos Ventos**. Entrevista concedida a Nathália Oliveira, 17 de Set de 2010.

BOLOGNESI, Mario Fernando. **Palhaços**. São Paulo: UNESP, 2003.

BOLOGNESI, Mario Fernando. **Circos e Palhaços**. São Paulo: UNESP, 2007.

BONI, Paulo César. **O discurso fotográfico: a intencionalidade de comunicação no fotojornalismo**. 2000. nº p.306. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

_____, Paulo Cesar. **Exposição Fotográfica e Edição**. Entrevista concedida a Douglas Lopes, 27 de Nov de 2010.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CAMARGO, Isaac Antonio. **Manual para realização de eventos em arte visual**. Londrina: UEL, 1997.

CAMARGO, Isaac Antônio. **Reflexões sobre o pensamento fotográfico: introdução às imagens, à fotografia e seu ensino**. 2. ed. Londrina: UEL, 1999.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA, Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula.**São Paulo: Contexto, 2002.

GOBBI, Maria Cristina. Métodos Biográficos. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História.** 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
_____, Boris. **Os Tempos da Fotografia: Efêmero e o Perpétuo.**2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MAGALDI, Sábato. **Iniciação ao teatro.** 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

MATSWCHI, Márcia. Estudo do Caso .In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação.** 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MANGEL, Alberto. **Lendo Imagens.**São Paulo; Companhia das Letras, 2003.

MADUREIRA, Felipe. **Estréia na Companhia.** Entrevista concedida a Nathália Oliveira, 21 de Set de 2010.

MALACRIDA, Maria do Carmo.**Exposição Fotográfica.** Entrevista concedida a Gustavo Sawada, 25 de Nov de 2010.

MOREIRA, Sonia. Análise Documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação.**2 .ed. São Paulo: Atlas,2009.

MUNHOZ, Tiago. **Trajetória do Rosa dos Ventos.** Entrevista concedida a Nathália Oliveira, 17 de Set de 2010.

MUNGO, Gabriel. **Estréia na Companhia**. Entrevista concedida a Nathália Oliveira, 21 de Set de 2010.

PERALTA, Camila. **Família**. Entrevista concedida a Douglas Lopes, 26 de Set de 2010.

SILVA, Ermínia .**Circo-Teatro**: Benjamim de Oliveira e a teatralidade Circense no Brasil. São Paulo: Altana, 2007.

SILVA, Ermínia .**O circo**: sua arte e seus saberes o circo no Brasil do final do Século XIX a meados do XX.1996 nº p.171.Dissertação de Mestrado da Universidade Estadual de Campinas,São Paulo.

SOBREIRA, Paulo. **Parceiros de Estrada**. Entrevista concedida a Douglas Lopes, 25 de Set de 2010.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Brasil: Grifos, 2000.

TRAVANCAS, Isabel.Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

TORRES, Antonio. **O circo no Brasil**. São Paulo: Funarte; Atração, 1998.

VALENTE, Luiz. **Parceiros de Estrada**. Entrevista concedida a Douglas Lopes. 25 de Set de 2010.

ANEXOS

ANEXO A
ENTREVISTA COM OS INTEGRANTES
DO ROSA DOS VENTOS

Entrevista concedida por Gabriel Mungo

Repórteres: Nathália Oliveira e Douglas Lopes

1) Como foi a sua entrada no grupo?

Na realidade eu sempre me interessei muito pelo circo, mesmo antes de entrar e desde criança eu já brincava de palhaço e malabaris, daí acabei encontrando o pessoal sem querer no shopping quando eles montaram no início o “Hoje tem espetáculo” que foram uma das primeiras apresentações do grupo que foi o Hoje tem Espectáculo em 2001 e eu estava no shopping assistindo eles sem querer na época minha mãe trabalhava no shopping ai eu fui um dia molecão.

Eu tinha 12 anos e quando eu entrei, eu fiz 13, colei na galera e ao mesmo tempo ficavam no prudenshopping fazendo essas apresentações ao mesmo tempo estavam ministrando oficinas de circo na oficina cultural Timochenco Wehbi em frente ao shopping. Daí comecei a fazer malabaris.

Nunca tinha encontrado uma turma assim de palhaços em prudente. Eles me indicaram. Metade ficava no shopping interagindo com o público e metade ficava dando oficinas lá na Timochenco e no final da tarde todo mundo se encontrava para apresentar o espetáculo no shopping. Daí eu frequentei os dois últimos dias dessa semana na Timochenco na oficina cultural e aprendi a fazer malabaris junto com eles, umas acrobacias e andei de perna de pau e assim. Foi que eu colei mesmo na galera daí a princípio ficou assim fiz as oficinas vi eles no shopping gostei pra caramba daí sem querer encontrei com eles no outro dia no shopping. Eles me chamaram pra ir num ensaio com eles lá frequentar e conhecer ai eu comecei a participar ativo nos ensaios deles sempre indo e indo daí foi quando eu entrei logo em Agosto foi bem rápido foi em Julho essa apresentações no shopping ai em agosto aconteceu o Fentepp, eles se apresentaram no Senac e eu estava junto com eles e fizeram intervenções na porta do teatro César Cava ai estava junto com ele fiz o som no Senac, eu até mi pintei de palhaço nem precisava mas eu tava lá pintado com uma roupa fiz o som me pintei de palhaço e fiquei andando com eles de perna de pau também lá na frente no Fentepp na verdade eu fui entrar mas fácil e rápido pois na entrada do Madureira o grupo passou por outro processo pois já estava com trabalho pronto e tinha outro tipo de relação eu entrei no Hoje tem

espetáculo já estava formado mas era um espetáculo bem aberto como era números fáceis de circo sempre a gente revezava entre numero e outro um coloca e eu acabei que entrando em algumas situações mas demorou mesmo pra eu entrar em cena mesmo assim foi mais pro final do ano. Mas, com 13 anos eu comecei a brincar mais ou menos assim e eu participei do processo do começo até o fim .

2) E seus pais gostavam de ver você se apresentando, eles apoiaram?

Na verdade eu morava com a minha avó. Morava eu minha mãe minha avó e meu avô. Minha mãe me teve com 16 anos e minha mãe é nova. Ela acabava entendendo e gostou dos meninos, mas mãe preocupa não é, andando com os bixos da UNESP sempre ficava meio receosa minha avó então! As vezes minha mãe tinha até que omitir algumas coisas por causa da minha avó pra ficar mas tranquilas, mas sempre, hoje eu não posso reclamar de nada de apoio familiar sempre foi muito bom minha mãe, assim, gente fina, Fazia até uns bolos pra levar pra galera.

3) Como você enxerga o trabalho da companhia Rosa dos Ventos?

Pra mim é tudo no nível que a gente está, depois de 10 anos de grupo eu achei uma realização constante, posso disser assim. E fazendo o que eu quero e o que eu gosto com uma galera alto astral, fenomenal. Isso é o que eu curto e que me dá gratificação imensa de estar junto e sonho, mas era o que sempre quis nunca fiz outra coisa, nunca nem pensei em fazer não me enxergo sendo um bancário trabalhando num escritório de contabilidade, apesar de hoje eu mexer com as finanças do grupo, eu administro as dividas do grupo, mas com 12 anos eu já brincava com os amigos da escola, brincava porque eu dizia que queria ser palhaço e a galera ficava zuando. E foi realmente isso, não tive outro pensamento, nunca pensei vou, ser empresário, vou ser jogador de bola, pensei por acaso e por um puta acaso acabou sendo isso. Nunca fiz nada a mais assim, mas eu me viro se tiver que fazer outra coisa.

4) Como é o nome do personagem na Companhia?

Eu era molecão novinho, sem espinha na cara todo fofinho, aos 12 anos meio gordinho então sempre tem que apelidarem né. Entrou alguém novo vamos apelidar. A galera me apelidou de Dom Ruan aí ficou esse nome um tempo e comecei a fazer umas trabalhadadas, dar brecha demais, falar coisa errada e a galera me azucrina muito que eu falo muita palavra diferente que não existe no dicionário aí começaram a encanar dizendo que Dom Ruan estava muito bonitinho aí colocaram Don Ruan da beterraba. Começou a crescer espinha na minha cara, ficar no meio da transformação de moleque pra adolescente, o nariz começou a aumentar e a galera desencana de Don Ruan e deixa só beterraba, eu gosto de beterraba não consigo mas mudar.

5) Na sua trajetória no grupo qual foi o pior e o melhor momento ?

O melhor momento eu acho que é sempre o presente, o que está rolando agora, novo momento e sempre construção nova. Agora o Sobrera e o Luizão, dois caras que estão se adentrando, se juntando com o grupo, assim de dar força, maior pessoa assim que dão dois pés no peito de tanta força, o cara é mestre outro é doutor, desencanaram da academia pra mexer com cultura e com projetos, um modelo alternativo de se viver e toda a história os 10 anos do grupo. Ano passado que ganhamos editais. Esse é o nosso reconhecimento de um trabalho que faz um tempo que estamos na luta vivendo só disso de baixos tremendos e acho que o melhor momento é esse o atual. É com o Pathelin toda a história.

Entrevista concedida por Fernando Ávila

Repórteres: Nathália Oliveira e Douglaz Lopez

1) Qual foi a expectativa e iniciativa da companhia Rosa dos Ventos?

A gente veio pra Prudente pra estudar na Unesp. Cada um veio de um canto e começamos a nos reunirmos pra encontros. Começamos a ir às escolas vestidos de palhaços, começando a fazer cantigas e brincadeiras de rodas, e aos poucos tiramos as músicas e colocando pequenas cenas, nisso era eu o Thiago. A Silvinha e o Gabriel, mas o grupo original ficou eu e o Thiago e estamos ai há 11 anos. As pequenas cenas eram tradicionais, gagues de circo. Aí a gente montou o primeiro espetáculo “Hoje tem Espetáculo” e a gente foi apresentando a partir de 2001. Quando começou, a gente fazia muitos brincadeiras, cantando nas escolas em Prudente, fazíamos piadas ai montamos o primeiro espetáculo, passamos por outras coisas depois. A gente começou com números de pirofagia, números de animações de festas, as próprias bolsas que a Unesp davam a gente começou a reestruturar e a partir daí começamos a montar o próximo espetáculo.

2) Vocês eram artistas ou começaram a se aperfeiçoar a partir da idéia da companhia?

Quando vim pra cá já trabalha em Barretos numa companhia que chamava Rio Circular, e o Thiago não tinha nenhuma experiência, nem a Elaine. Um ou outro tinha, e eu uma pequena experiência. Foi aqui a gente começou a fazer cursos e ir atrás para estudar. A gente começou ver muito circo e muito teatro de rua, conhecemos muita gente e assim fomos observando e trazendo isso pra gente montar as nossas coisas. O processo inicial do grupo, que teve esses apoios e essa forma de reprodução desses trabalhos paralelos.

A gente montou o Rosa dos Ventos e começou o “Saltimbembos”. A diferença dele com outro espetáculo é que não eram cenas tradicionais de circo, eram cenas criadas a partir de exercícios nossos. O espetáculo teve coisas de circo

que a gente apresenta na rua. As pessoas falam: olha Circo teatro Rosa dos Ventos pois a gente tem uma linguagem de circo que se apresenta na rua.

É uma forma diferenciada de teatro. Na verdade, eles compartimentam muito as coisas, por exemplo, o teatro de rua quando se apresenta na rua tem uma diversidade muito grande e o circo tem que ter lona. A gente senta e trabalha na rua e mas a palavra circo designa outra coisa. O circo teatro tradicional, como uma palavra entendida, eram circos que apresentavam peças de teatro dentro da lona e que não eram números de variedades, as vezes, tinham números de variedades antes e depois, um número de teatro. E esse teatro não era teatro comum dos outros nas peças, tinham as comédias do palhaço fazendo parte da cena e de qualquer situação atravessando tudo e os dramas que eram moralistas, nossa, eram horríveis. Falando de Deus, preconceito da sociedade, terríveis, na verdade terríveis pra mim que sou ateu. Mas tem gente que gosta e que hoje está em muito desuso. Têm pouquíssimos circos fazendo circo teatro, fazendo essas tramas, e a gente vem pra um circo teatro e usa na linguagem Rosa dos Ventos o teatro de rua. Mais correto dizer circo teatro de rua porque não é mais. Muitas vezes as pessoas já vêem e falam Rosa dos Ventos.

3) Qual significado da palavra Rosa dos Ventos?

Nós éramos geógrafos e viemos da faculdade de Geografia. O símbolo de uma Rosa dos Ventos. Mas dizer assim. Porque é o mais democrático, que a gente pensava em todos os lados, a gente pensava em entender todo mundo e até mesmo por isso que a gente foi pra rua e não para o teatro fechado que limita a participação das pessoas, que limita o público a ir assistir e a gente queria ir mesmo pra rua pra periferia, para os lugares assim. E por isso Rosa dos Ventos.

ANEXO B
ENTREVISTA COM
MARIA DO CARMO MALACRIDA

01 - Ao se ter a idéia de realizar uma exposição fotojornalística quais são os critérios e providências que devem ser usados em primeiro lugar?

Tudo depende de um bom conjunto, uma boa sala, corte, luz de qualidade, uma boa ampliação, qualidade das imagens, moldura, paspartu a galeria tudo somado forma-se um conjunto

02 - Após a etapa do planejamento e produção de fotos, o que deve se levar em conta na edição das fotos que serão expostas no evento?

Nem todo fotografo sabe editar o seu material. Existem bons fotógrafos que nem sempre são editores, por isso existem os editores para poder selecionar aquilo que o fotografo tem de melhor para ser apresentado, assim também existe o curador para fazer a exposição. O tema tem que ter sequência de informação somando aos outros itens de planejamento assim chega-se a um ótimo resultado

03 - Como podemos definir uma exposição como boa, ótima ou péssima, tem haver com a receptividade do público (visitantes) e qualidade das fotografias?

Existem exposições e mostras que a imagens não deveriam estar ali, não foram devidamente selecionadas, não houve critérios para sua seleção, estão ali por estarem, assim pode-se dizer que não é uma boa exposição.

04 - A exposição fotojornalística pode servir como documento de memória, ou não passado os dias das fotografias expostas perde a importância?

Sim, a exposição é um registro de memória, podemos citar a imagens de Flavio de Barros da guerra de canudos, a foto da menina queimada no Vietnã, tem papel fundamental na memória.

05 - Em sua carreira o senhor já produziu alguma exposição fotojornalística?

Se sim, cite algumas das que acha mais interessante ou alguma que visitou e achou relevante para a sociedade.

Não respondeu.

06 - Em termos de corte teórico, obras literárias sobre o tema "Exposições fotojornalísticas" a quantidade de material é quase zero, em sua opinião porque é tão fraco esse segmento?

Sim, realmente há poucas. Existem algumas. (não se lembrou no momento)

07 - Em nossa exposição usamos e abusamos das cores já que o tema era os 11 anos de um Grupo Teatral e Circense de nossa cidade. Então seguindo este raciocínio nada pode ser mais importante que as fotografias expostas no evento? ou não uma decoração que chame atenção do público para o ambiente vale a pena?

Não Respondeu

08 - Em sua opinião em quais situações a opção de realizar uma exposição é válida?

Não Respondeu

09 - O uso de portrait em uma exposição fotojornalística é aceita ou foge do foco fotojornalismo para um foco artístico?

Sim, é valido. Sebastião Salgado tem um livro sobre crianças, pode ser mostrado sim, apesar de que aqui no Brasil estamos mais acostumados, com aquilo que é dinâmico, cotidiano em geral, mas pode ser mostrado sim.

ANEXO C
ENTREVISTA COM PAULO CÉSAR BONI

01 - Ao se ter a idéia de realizar uma exposição fotojornalística quais são os critérios e providências que devem ser usados em primeiro lugar?

Primeiro: definir se ela será individual ou coletiva. Com essa temática, normalmente costuma ser coletiva;

Segundo: Definir os recortes de tempo, espaço e veículo(s);

Terceiro: Definir o local de exposição;

Quarto: Nomear um curador para a escolha e edição das fotografias. Recomenda-se que os envolvidos não participem da curadoria.

02 - Após a etapa do planejamento e produção de fotos, o que deve se levar em conta na edição das fotos que serão expostas no evento?

Fundamentalmente a temática. Fotojornalismo é um tema amplo e quase nunca tem problemas de definição e edição. Nestas circunstâncias, passa a ser importante definir alguns critérios, algo como a importância ou a repercussão de determinadas fotografias na sociedade; ou a composição e plasticidade das fotografias; ou o flagrante... São muitas possibilidades, mas os curadores costumam selecionar as fotografias por importância e repercussão. Nesse momento, por exemplo, está acontecendo no Rio de Janeiro uma ação conjunta das forças de segurança que podem mudar os rumos da história não só do Rio de Janeiro, mas de todo o país. Se a campanha for vitoriosa, o Brasil passará a ser visto com melhores olhos pela comunidade internacional e isso pode influenciar o turismo, a Copa do Mundo de 2014, as Olimpíadas de 2014 e coisa e tal... Imagens que retratem essa ação decisiva na história do país são importantes.

03 - Como podemos definir uma exposição como boa, ótima ou péssima, tem haver com a receptividade do público (visitantes) e qualidade das fotografias?

Claro. Qualidade e importância das fotografias. Mas, antes mesmo disso é preciso que haja organização, sinalização, divulgação e coisas do gênero. É importante você chegar numa exposição e, de imediato, receber um catálogo na entrada. É preciso que a circulação de pessoas na exposição seja bem sinalizada,

para as pessoas acompanharem a exposição em sua proposta evolutiva e não ficarem trombando umas nas outras, pois uns vão da esquerda para a direita e outros vêm da direita para a esquerda.

Também é importante que as fotografias estejam boas e bem valorizadas (ampliadas em bom tamanho, bem iluminadas etc.). Depois disso, claro, a frequência, a quantidade de pessoas (e o que essas pessoas representam) na abertura e coisa tal irão influenciar a crítica na mídia.

04 - A exposição fotojornalística pode servir como documento de memória, ou não passado os dias das fotografias expostas perde a importância?

Claro. As fotografias expostas são recortes congelados da memória da sociedade. E a exposição será outro fragmento da memória. No presente ela será notícia. No futuro será documento. Portanto, documentar as exposições é fundamental para a preservação da memória da sociedade, dos fotógrafos, dos veículos de comunicação, do próprio local que cedeu suas instalações para a exposição e por aí fora...

05 - Em sua carreira a senhora já produziu alguma exposição fotojornalística? Se sim, cite algumas das acha mais interessante ou alguma que visitou e achou relevante para a sociedade.

Muito pouco e de importância restrita. Organizei exposições dos alunos da disciplina de fotojornalismo na graduação e de estudantes de pós-graduação, sempre no âmbito da Universidade Estadual de Londrina ou, no máximo, da cidade de Londrina e região. Tratava-se mais de uma catarse de um grupo de alunos que de uma exposição de fotojornalismo propriamente dito. Mas é importante introduzir os estudantes à exposição pública. Aqui, me refiro ao fato dos estudantes exporem e, principalmente, se exporem ao público, pois eles podem receber elogios e críticas quando publicam seus trabalhos.

06 - Em termos de corte teórico, obras literárias sobre o tema "Exposições fotojornalísticas" a quantidade de material é quase zero, em sua opinião porque é tão fraco esse segmento?

Não é bem assim. Na realidade, existem muitos materiais impressos, mas com dificuldade de acesso (não estão em exposições). Cada exposição tem seu catálogo, e os catálogos são fontes preciosas para se recuperar a história e preservar a memória. O problema é que os catálogos normalmente são privilégios apenas de quem visita a exposição. Este ano, fui a duas importantes exposições fotojornalísticas: a do Word Press Photo, no Rio de Janeiro, e a de Marc Ribould, em Recife. Trouxe alguns exemplares dos catálogos (de ambas) para deixar na biblioteca da UEL e presentear alguns estudantes que percebi identificados com a fotografia.

07 - Em nossa exposição usamos e abusamos das cores já que o tema era os 11 anos de um Grupo Teatral e Circense de nossa cidade. Então seguindo este raciocínio nada pode ser mais importante que as fotografias expostas no evento? Ou não, uma decoração que chame atenção do público para o ambiente vale a pena?

A qualidade e a importância de uma exposição não pode ser aferida pela exuberância de cores ou pelo coquetel de abertura, mas sim, essencialmente, por sua qualidade. É claro que pode haver a união da qualidade com o verniz da apresentação, recepção etc. O importante é que seja DENSO no conteúdo, mas nada impede que seja LEVE na forma.

08 - Em sua opinião em quais situações a opção de realizar uma exposição é válida?

Sempre é válida. Mas é claro que é preciso estar sempre com os pés no chão, ou seja, não esperar que uma exposição simples, para expor alguns trabalhos, entre no ranking das melhores exposições do país. Havendo coerência e equilíbrio, é sempre legítimo expor, pois você valoriza o trabalho de quem produziu e presta um serviço à sociedade, mostrando esse trabalho e sinalizando que há, sempre, muita gente pensando, trabalhando, produzindo, fazendo a diferença. Existe um provérbio que diz: "Os cães ladram e a caravana passa." Sabe o que isso

significa? Significa que enquanto a maioria fica deitando palavrório, reclamando, criticando e enchendo o saco, uma minoria trabalha. Naturalmente, os cães são os que só sabem reclamar, não sabem ou não têm coragem de fazer; a caravana são os que não latem, mas trabalham.

09 - O uso de portrait em uma exposição fotojornalística é aceita ou foge do foco fotojornalismo para um foco artístico?

Eu particularmente acho que destoa do objetivo da exposição, mas se a exposição for apenas de um repórter fotográfico e ele fotografou o Nelson Mandela dias antes de ele morrer, essa fotografia será importante para sua carreira e irá valorizar sua exposição, afinal passa a ser um documento dos últimos momentos de vida de um dos maiores líderes e governistas da humanidade.

10 - Suas Considerações Finais sobre o tema "Exposição Fotojornalística e Edição de Fotografias".

Temas que ainda precisam ser muito praticados, estudados e publicados. Por isso, trabalhem.

ANEXO D
ENTREVISTA COM EVANDRO TEIXIERA

01) Ao se ter a idéia de realizar uma exposição fotojornalística quais são os critérios e providências que devem ser usados em primeiro lugar?

R: O lugar, o público almejado e o conceito da exposição.

02) após a etapa do planejamento e produção de fotos, o que deve se levar em conta na edição das fotos que serão expostas no evento?

R: O melhor de todo o acervo da exposição. E a unidades entre as fotos selecionadas.

03) Como podemos definir uma exposição como boa, ótima ou péssima, tem haver com a receptividade do público (visitantes) e qualidade das fotografias?

R: A interação com o público. Se não houver impacto e sinergia, há perdas... Além da qualidade das imagens, claro.

04) A exposição fotojornalística pode servir como documento de memória, ou não passado os dias das fotografias expostas perde a importância?

R: Claro! A fotografia é um registro de um fato, através de um olhar diferenciado, mas que eterniza um momento para ser visto por várias gerações.

05) Em sua carreira o senhor já produziu alguma exposição fotojornalística? Se sim, cite algumas das que acha mais interessante ou alguma que visitou e achou relevante para a sociedade.

R: Foram várias. (ver em anexo)

06) Em termos de corte teórico, obras literárias sobre o tema "Exposições fotojornalísticas" a quantidade de material é quase zero, em sua opinião porque é tão fraco esse segmento?

R: Não posso entender...

07) Em nossa exposição usamos e abusamos das cores já que o tema era os 11 anos de um Grupo Teatral e Circense de nossa cidade. Então, seguindo este raciocínio nada pode ser mais importante que as fotografias expostas no evento? ou não uma decoração que chame atenção do público para o ambiente vale a pena?

R: Vale a experiência para o público! O ambiente pode e deve ressaltar o conceito das obras expostas.

08) Em sua opinião em quais situações a opção de realizar uma exposição é válida?

R: Sempre. Democratizar obras de arte é sempre importante.

09) O uso de portrait em uma exposição fotojornalística é aceita ou foge do foco fotojornalismo para um foco artístico?

R: Pode ser aceita. Se estiver dentro do contexto do que se estiver sendo exposto. Faz parte da história

10) Suas Considerações Finais sobre o tema "Exposição Fotojornalística e Edição de Fotografias"....

R: A edição deve ser criteriosa para se oferecer o que se tem de melhor de um trabalho. Prestigiar o outro é fundamental, mas do que a sua própria satisfação.

APÊNDICE

APÊNCIDE A
MÍDIAS GERADAS PELA EXPOSIÇÃO

3.2 OESTE NOTÍCIAS

DOMINGO, 17 DE OUTUBRO DE 2010

TEM! VARIEDADES

Joaquim Pimenta



Gustavo Savada, Natália Oliveira, Valmir Custódio e Douglas Lopez

MOSTRA

Exposição "11 Faces do Rosa dos Ventos" tem início amanhã

Mostra ocorre entre os dias 18 e 22 de outubro no Prudente Parque Shopping

Divulgação

Segue até o dia 22 deste mês a exposição "11 Faces do Rosa dos Ventos" que será realizada no espaço de eventos do Prudente Parque Shopping. A exposição é o resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dos estudantes de jornalismo da Facopp (Faculdade de Comunicação de Presidente Prudente) Douglas Lopez, Gustavo Savada, Natália Oliveira e Valmir Custódio, com orientação da professora Gláucia Popicini. A mostra retrata o grupo de teatro de rua Rosa dos Ventos, que há 11 anos atua em benefício da cultura e entretenimento de Presidente Prudente e região além de contribuir em projetos sociais.

A exposição apresenta 50 fotografias em modelo fotostêil e demonstra períodos importantes da história do grupo além de produções realizadas pelos idealizadores do TCC.

A mostra que tem início amanhã segue até o dia 22 no Prudente Parque Shopping, localizado na Rua Sílexia Campos, 1545, centro de Presidente Prudente. A exposição fotojornalística pode ser visitada de segunda a sexta das 10h às 22h.



Mostra retrata detalhes do grupo

caderno 2

O IMPARCIAL. Presidente Prudente, terça-feira, 19 de outubro de 2010. E-mail: caderno2@imparcial.com.br

PÁGINA 3

As Cariocas reúne dez estrelas da TV brasileira a partir de hoje na Globo

PÁGINAS

Alunos da José Soares Marcondes lançam obra infantil no Salão do Livro de PP

Caderno C

HOMENAGEM

EXPOSIÇÃO CONTA HISTÓRIA DE 11 ANOS DO ROSA DOS VENTOS POR MEIO DE FOTOS

BRUNA CINY
DA REDAÇÃO

Uma exposição fotográfica, que narra a biografia dos 11 anos do grupo teatral prudentino Rosa dos Ventos, teve início ontem, às 17h, no Espaço de Eventos do Prudente Parque Shopping. A mostra é realizada por quatro alunos de Jornalismo da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), e faz parte de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que tem como tema o resgate histórico da companhia. A apresentação fica aberta até o próximo domingo, no horário de funcionamento do shopping.

A mostra, denominada As 11 Faces do Rosa dos Ventos, é o resultado do TCC dos estudantes da Faculdade de Comunicação de Presidente Prudente (Facopp) Douglas Lopez, Gustavo Sawada, Natália Oliveira e Valmir Custódio, com orientação da professora mestre Cássia Popolin, onde o trabalho do grupo de teatro de rua Rosa dos Ventos — que há 11 anos atua em benefício da cultura e entretém



Mostra pode ser vista até domingo, no Espaço de Eventos do Prudente Parque Shopping

com a participação da companhia teatral, que apresentou aos presentes, uma pequena mostra do que fazem em seus espetáculos. "Quisemos agradecer o público com esse pequeno espetáculo, em agradecimento a todo o apoio que recebemos em nossa terra natal. Apesar de ficarmos pouco tempo por aqui ultimamente, por conta de nossa agenda, levamos a cidade para todos os lugares que passamos", resalta um dos integrantes. Tiago

o palhaço Madureira, se formou em Pedagogia, enquanto Munhoz, o Castil, em Educação Física. "Todos aproveitaram para estudar a história do circo dentro da sua área. Também realizamos diversas pesquisas para a formação do grupo". Esse trabalho rendeu aos garotos uma bolsa de apoio às pesquisas e de extensão universitária. Depois de diplomados, os atuais palhaços viajaram em busca de cursos de especialização e aventuras.

fato do Rosa [dos Ventos] hoje ter virado tema de um TCC representa pra mim, a resposta de que estamos no caminho certo", comenta.

Oliveira confirma a parceria. "Nós tivemos muita sorte que os meninos [do grupo] têm o costume de documentar quase tudo que fazem, os ensaios, apresentações, as viagens. Tivemos a oportunidade de visualizar boa parte das experiências deles, o que nos proporcionou um aprofunda-



Estudantes de Jornalismo são os responsáveis pela mostra



Fernando, Tiago, Gabriel e Felipe formam a trupe prudentina

Tropa de Elite 2 desbanca Shrek e Eclipse em PP